

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JUNHO DE 2018

Liahona



Uma revelação que
abençoou o mundo
todo, p. 12

A paternidade nobre:
Um vislumbre dos atributos
divinos, p. 22

Serviço abnegado para os
que sofrem, p. 26

"Tenho as placas", gritou
Joseph, p. 32



“A PATERNIDADE NOBRE
PERMITE QUE TENHAMOS
UM VISLUMBRE DOS
ATRIBUTOS DIVINOS
DO PAI CELESTIAL.”

PRESIDENTE JAMES E. FAUST

Extraído de “A influência de um pai justo”, página 22

Liahona, junho de 2018

ARTIGOS

- 22 A influência de um pai justo**
Megan Warren
As figuras paternas de minha vida me ensinaram a importância de uma paternidade justa.
- 26 Carregar os fardos uns dos outros**
Élder Jeffrey R. Holland
Tendo empatia cristã por todos os filhos de Deus, podemos participar da obra do Mestre.
- 32 Santos: A história da Igreja — Capítulo 4: Sê vigilante**
Após anos de espera, Joseph Smith finalmente recebe as placas — com a advertência de estar alerta.

SEÇÕES

- 4 Retratos de fé: Devla Netane**
- 6 Princípios para ministrar como o Salvador: Cinco coisas que bons ouvintes fazem**
- 10 Servir na Igreja: Onde formos necessários**
Wilfried e Laura Eyi
- 40 Vozes da Igreja**
- 80 Até voltarmos a nos encontrar: Nosso santuário no Dia do Senhor**
Presidente M. Russell Ballard



COMEMORAÇÃO DA REVELAÇÃO DE 1978

- 12 Conferir as bênçãos do sacerdócio**
Como a revelação de 1978 com respeito ao sacerdócio abençoou os indivíduos, as famílias e a Igreja.
- 16 Revelação para nossos dias**
Quatro apóstolos se recordam de como se sentiram em 1º de junho de 1978, quando foi recebida a revelação sobre o sacerdócio.
- 18 Abençoados em todos os aspectos possíveis**
Élder Edward Dube
Quando eu era missionário de tempo integral, ouvi pela primeira vez sobre a restrição do sacerdócio para os negros.
- 20 Ter o sacerdócio em alta estima**
Charlotte Acquah
Fui batizada apenas três meses depois que os primeiros missionários chegaram a Gana.



NA CAPA
Fotografia: Christina Smith.



48

- 44 O equilíbrio na perseverança**
 Elder Michael John U. Teh
Trabalhar, frequentar a escola, criar uma família — como equilibramos nossas responsabilidades?

- 48 Ser honesta comigo mesma — E com Deus**
 Faith Sutherland Blackhurst
Deus me ajudou a deixar de lado meu orgulho e aceitar a crítica do bispo.



Veja se consegue encontrar a Liahona oculta nesta edição.
Dica: Como você serve a seus irmãos?

- 50 Preparação para a vida: Será que a Sociedade de Socorro vai ser entediante?**

Charlotte Larcabal

Descobri que a Sociedade de Socorro não era exatamente o que eu esperava.

- 52 Preparação para a vida: Meu primeiro dia no quórum de élderes**

Dallin Luedtke

Eu tinha muito a oferecer no quórum de élderes se estivesse disposto a contribuir.

- 54 Do campo missionário: Auxílio extra**

Allie Arnell

- 56 Nosso espaço**

- 58 Página após página diz que cremos**

Richard M. Romney

Meu colega de classe disse que os mórmons não eram cristãos — por isso decidi descobrir por mim mesmo o que nos é ensinado no Livro de Mórmon.

- 60 Perguntas e respostas**

Como faço para me sentir mais confiante? O que é o dom do discernimento?

- 62 Descobrir seus dons**

Justina Lichner

- 64 Pôster: Luz espiritual**

- 65 A última palavra: A luz está sempre a nosso lado**

Elder Dieter F. Uchtdorf

52



76

- 66 Faça sua luz brilhar: Expressar seu amor**

Ao servir à minha família, posso sentir o amor do Pai Celestial.

- 68 Hora de dormir para o Felix**

Heidi Poelman

Antônio queria voltar a seu jogo de computador — mas servir a seu irmão era mais importante.

- 70 Tortilhas e amigas**

Lindsay Stevens Tanner e Maryssa Dennis

Adriana estava feliz por compartilhar um lanche com sua vizinha, Margarita. Mas ficou ainda mais feliz por compartilhar sua amizade!

- 72 Música: O milagre**

Shawna Belt Edwards

- 74 Os apóstolos prestam testemunho de Cristo**

Elder Dale G. Renlund

- 75 O Pai Celestial conhece você**

Irmã Cristina B. Franco

- 76 Histórias das escrituras: Moisés segue a Deus**

Kim Webb Reid

- 79 Página para colorir: Posso ser um pacificador**

Revista internacional em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência: Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, Henry B. Eyring

Quórum dos Doze Apóstolos: M. Russell Ballard, Jeffrey R. Holland, Dieter F. Uchtdorf, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson, Neil L. Andersen, Ronald A. Rasband, Gary E. Stevenson, Dale G. Renlund

Editor: Hugo E. Martinez

Editores assistentes: Randall K. Bennett, Carol F. McConkie

Consultores: Brian K. Ashton, Bonnie H. Cordon, LeGrand R. Curtis, Jr., Edward Dube, Sharon Eubank, Donald L. Hallstrom, Douglas D. Holmes, Erich W. Kopischke

Diretor administrativo: Richard I. Heaton

Diretor das revistas da Igreja: Allan R. Loyborg

Gerente de relações comerciais: Garff Cannon

Gerente editorial: Adam C. Olson

Gerente editorial assistente: Ryan Carr

Assistente de publicações: Francisca Olson

Equipe de composição e edição de textos: Maryssa Dennis, David Dickson, David A. Edwards, Matthew D. Flitton, Lori Fuller, Garrett H. Garff, LaRene Porter Gaunt, Jon Ryan Jensen, Charlotte Larcabal, Michael R. Morris, Eric B. Murdock, Sally Johnson Odekirk, Joshua J. Perkey, Jan Pinborough, Richard M. Romney, Mindy Selu, Chakell Wardleigh, Marissa Widdison

Diretor administrativo de arte: J. Scott Knudsen

Diretor de arte: Tadd R. Peterson

Equipe de diagramação: Jeanette Andrews, Fay P. Andrus, Mandie Bentley, C. Kimball Bott, Thomas Child, David Green, Colleen Hinckley, Eric P. Johnsen, Susan Lofgren, Scott M. Mooy, Emily Chieko Remington, Mark W. Robison, Brad Teare, K. Nicole Walkenhorst

Coordenadora de propriedade intelectual:

Collette Nebeker Aune

Gerente de produção: Jane Ann Peters

Equipe de produção: Ira Glen Adair, Julie Burdett, Thomas G. Cronin, Bryan W. Gygi, Ginny J. Nilson, Derek Richardson

Pré-impressão: Joshua Dennis, Ammon Harris

Diretor de impressão: Steven T. Lewis

Diretor de distribuição: Troy R. Barker

Responsável pela tradução: Patrícia Corrêa

Distribuição: Corporação do Bispado Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Steinmühlstrasse 16, 61352 Bad Homburg v.d.H., Alemanha.

Para assinatura ou mudança de endereço, entre em contato com o Serviço ao Consumidor. Ligação Gratuita: 00800 2950 2950. Telefone: +49 (0) 6172 4928 33/34. E-mail: orderseu@ldschurch.org. Online: store.lds.org. Preço da assinatura para um ano: € 4,60 para Portugal, € 1,85 para Açores e CVE 204 para Cabo Verde.

Para assinaturas e preços fora dos Estados Unidos e do Canadá, acesse o site store.LDS.org ou entre em contato com o Centro de Distribuição local ou o líder da ala ou do ramo.

Envie manuscritos e perguntas online para liahona.LDS.org; pelo correio, para: *Liahona*, Room 2420, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150-0024, USA; ou por e-mail, para: liahona@LDSchurch.org.

Liahona, termo do Livro de Mórmon que significa “bússola” ou “guia”, é publicada em albanês, alemão, armênio, bislama, búlgaro, cambojano, cebuano, chinês, chinês (simplificado), coreano, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, fijiano, finlandês, francês, grego, holandês, húngaro, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribatí, romeno, russo, samoano, suaili, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano, urdu e vietnamita. (A periodicidade varia de um idioma para outro.)

© 2018 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos da América.

Informação de copyright: A menos que seja indicado o contrário, é permitido copiar o material da revista *Liahona* para uso pessoal, não comercial (inclusive para os chamados na Igreja). Essa permissão pode ser revogada a qualquer momento. O material visual não pode ser copiado caso haja restrições indicadas nos créditos constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office, 50 E. North Temple St., FL 13, Salt Lake City, UT 84150, USA; e-mail: cor-intellectualproperty@LDSchurch.org.

For Readers in the United States and Canada:

June 2018 Vol. 71 No. 6. LIAHONA (USPS 311-480) Portuguese (ISSN 1044-3347) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150. USA subscription price is \$10.00 per year; Canada, \$12.00 plus applicable taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake City, Utah. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; old and new addresses must be included. Send USA and Canadian subscriptions to Salt Lake Distribution Center at address below. Subscription help line: 1-800-537-5971. Credit card orders (Visa, MasterCard, American Express) may be taken by phone. (Canada Poste Information: Publication Agreement #40017431)

POSTMASTER: Send all UAA to CFS (see DMM 507.1.5.2). NONPOSTAL AND MILITARY FACILITIES: Send address changes to Distribution Services, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, UT 84126-0368, USA.

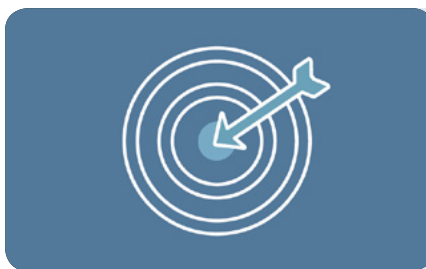
MAIS NA INTERNET



Leia os artigos e envie sua própria contribuição para liahona.LDS.org.



Encontre mensagens inspiradoras (disponíveis em inglês, português e espanhol), que podem ser compartilhadas, no facebook.com/liahona.



Envie comentários para liahona@LDSchurch.org.



Faça a assinatura no site store.LDS.org. Ou visite um centro de distribuição, consulte os líderes da ala ou telefone para 1-800-537-5971 (EUA e Canadá).

ICONS: GETTY IMAGES

TÓPICOS DESTA EDIÇÃO

Os números representam a primeira página de cada artigo.

Amizade, 7, 70

Conferência geral, 56

Confiança, 60

Conversão, 75

Cuidadores, 26

Dia do Senhor, 80

Discernimento, 60

Dons espirituais, 60, 62

Escrituras, 58

Espírito Santo, 16, 48

Família, 4, 20, 44, 66, 68

Fé, 4, 18, 44

História da Igreja, 32

Honestidade, 48

Jesus Cristo, 26, 58, 72, 74

Joseph Smith, 32

Livro de Mórmon, 32, 56, 58

Luz espiritual, 64, 66

Obediência, 32, 76

Obra missionária, 41, 42, 54, 75

Oração, 4, 16, 43, 44

Orgulho, 48

Pai Celestial, 40, 43, 75

Paternidade, 20

Prioridades, 44

Profetas, 56, 76

Quórum de élderes, 52

Restauração, 32

Sacerdócio, 12, 16, 18, 20

Sacramento, 80

Serviço, 6, 10, 26, 56, 66, 70

Sociedade de Socorro, 50

Talentos, 62





RETRATOS DE FÉ

No quarto mês de sua segunda gravidez, foi dito a Delva que seu bebê tinha uma rara anomalia cromossômica chamada trissomia 13. Havia pouca chance de que o bebê sobrevivesse e, como a vida de Delva também estaria em risco, os médicos a aconselharam repetidas vezes a abortar a gestação. Diante de um resultado incerto, Delva decidiu confiar no Pai Celestial a despeito do que viesse a acontecer.

CHRISTINA SMITH, FOTÓGRAFA

Delva Netane

Califórnia, EUA

Quando eu estava com oito meses e meio de gestação, fui fazer uma ultrassonografia 4D.

Nas ultrassonografias anteriores, os médicos não conseguiam ver nenhuma das características físicas. Por esse motivo, disseram que as mãos de nossa filha seriam tocos, e a face, deformada. As imagens da ultrassonografia 4D são bem mais detalhadas, por isso, quando o técnico iniciou o exame, vi na tela minha filha mexendo uma mão perfeita. Também vi dois olhos perfeitos e uma boca perfeita. Tive um sentimento muito forte de que ela não ia morrer.

Quando nossa filha, MeLa, nasceu, havia especialistas presentes, mas eles não foram necessários. MeLa não apresentava a trissomia 13. Os médicos e especialistas não conseguiam explicar, mas meu marido e eu sabíamos que tinha sido um milagre.

Princípios para ministrar como o Salvador

CINCO COISAS QUE BONS OUVINTES FAZEM

Ouvir atentamente as pessoas vai ajudar você a saber como atender às necessidades espirituais e temporais delas assim como fez o Salvador.

O élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, disse: “Ouvir talvez seja ainda mais importante do que falar. (...) Se ouvirmos com amor, não precisaremos ficar pensando no que falar. Isso nos será dado — pelo Espírito”.¹

Ouvir é uma habilidade que precisamos aprender. Ouvir demonstra nosso amor pelas pessoas, ajuda a edificar relacionamentos seguros e convida o Espírito a nos abençoar com o dom do discernimento para nos ajudar a compreender as necessidades das outras pessoas.² Seguem cinco maneiras de melhorar o modo como ouvimos as pessoas.

Encontre coisas em comum entre vocês

Você pode discordar de tudo o que foi dito, no entanto concorde com o que for possível sem deturpar seus próprios sentimentos. Concordar com a pessoa pode reduzir a ansiedade e a posição defensiva dela (ver Mateus 5:25).

Explique

Explique com suas palavras o que você ouviu e como você entendeu o que a pessoa disse. Isso as ajuda a saber se foram compreendidas e dá a elas a oportunidade de esclarecer alguma coisa.

Dê-lhes tempo

Muitas pessoas precisam de tempo para organizar os pensamentos antes de falar. Dê tempo a elas para pensar antes e depois de dizerem alguma coisa (ver Tiago 1:19). O fato de terem terminado de falar não significa que elas já disseram tudo o que precisavam. Não se sinta intimidado pelo silêncio (ver Jó 2:11–3:1 e Alma 18:14–16).

Dê atenção

Pensamos mais rapidamente do que as outras pessoas falam. Resista à tentação de chegar a conclusões precipitadas ou pensar no que vai dizer em seguida quando elas estiverem falando (ver Provérbios 18:13). Em vez disso, ouça atentamente. Sua resposta será melhor porque houve maior compreensão da situação.

Esclareça

Não tenha medo de fazer perguntas para esclarecer algo que você não tenha entendido (ver Marcos 9:32). Isso reduz mal-entendidos e demonstra seu interesse pelo que está sendo dito.

O presidente Russell M. Nelson ensinou: “Aprendam a ouvir e ouçam para aprender uns dos outros”.³ Ao ouvir procurando entender a outra pessoa, você terá mais condições de compreender suas necessidades e receber inspiração de como cuidar daqueles que estão à sua volta, como faria o Salvador.

Ouvir é amar

A seguinte história do élder Holland ilustra o poder de ouvir as pessoas:

“Meu amigo Troy Russell saía lentamente de sua garagem com sua caminhonete. (...) Ele percebeu que o pneu traseiro tinha passado por cima de algo. (...) Ele saiu

[do carro] e encontrou seu precioso filho de 9 anos de idade, Austen, caído no chão. (...) Austen tinha partido.

Sem conseguir dormir, sem conseguir encontrar paz, Troy estava desolado. (...) Mas, durante aquele momento angustiante, (...) [surgiu] John Manning.

Para ser sincero, não sei que tipo de cronograma John e seu companheiro júnior tinham quando visitaram a família Russell. (...) O que sei é que, no semestre passado, o irmão Manning estendeu a mão e ergueu Troy Russell da tragédia que acontecera naquela entrada da garagem,

MINISTRAR COMO O SALVADOR

Quando Jesus partiu de Jericó, dois homens clamaram dizendo: “Tem misericórdia de nós. (...)”

E Jesus, parando, chamou-os, e disse: Que quereis que vos faça?

Disseram-lhe eles: Senhor, que os nossos olhos sejam abertos.

Então Jesus, movido de íntima compaixão, tocou-lhes nos olhos, e logo viram; e o seguiram” (Mateus 20:30, 32–34).



O que podemos aprender com a maneira como o Salvador ouvia?

como se ele estivesse erguendo o pequeno Austen em pessoa. Como o (...) irmão no evangelho que ele deveria ser, John simplesmente assumiu a responsabilidade do sacerdócio e o cuidado para com Troy Russell. Ele começou dizendo: “Troy, Austen quer que você se restabeleça — inclusive na quadra de basquete —, então passarei aqui todas as manhãs às 5 horas e 15 minutos. Fique pronto (...)”.

‘Eu não queria ir’, contou-me Troy posteriormente, ‘porque eu sempre levava Austen comigo. (...) Mas John insistiu, então fui. Desde o primeiro dia, nós conversávamos — ou melhor, eu falava — e John ouvia. (...) No começo foi difícil, mas com o tempo percebi que tinha encontrado forças na forma de [John Manning], que me amava e que me ouviu até que o sol finalmente despontou em minha vida’.”⁴ ■

NOTAS

1. Jeffrey R. Holland, “Ser-me-eis testemunhas”, *A Liahona*, julho de 2001, p. 15.
2. Ver David A. Bednar, “Panel Discussion” [Painel de discussão], reunião mundial de treinamento de liderança, novembro de 2010, broadcasts.LDS.org.
3. Russell M. Nelson, “Aprender a ouvir”, *A Liahona*, julho de 1991, p. 24.
4. Jeffrey R. Holland, “Emissários da Igreja”, *A Liahona*, novembro de 2016, p. 67.



CONVITE À AÇÃO

Pense em como você pode aplicar esses princípios ao ministrar. Pergunte àqueles a quem você

ministra quais são as necessidades deles. Ouça as respostas e a inspiração do Espírito Santo. Faça algo a esse respeito.



Os princípios para ministrar como o Salvador têm como objetivo nos ajudar a aprender a cuidar uns dos outros — não para que sejam dados como mensagem. Ao conhecermos aqueles que nos são designados, o Espírito Santo vai nos inspirar a saber qual mensagem eles precisarão além de nosso cuidado e nossa compaixão.

ONDE FORMOS NECESSÁRIOS

Wilfried e Laura Eyi

Uma inspiração para nos mudar para o Brooklyn, Nova York, conduziu-nos à prestação de serviço e a bênçãos que jamais teríamos imaginado.

Em 2013, morávamos em Manhattan, Nova York, EUA. Adorávamos nossa ala. Como estávamos esperando nosso primeiro filho, começamos a procurar um apartamento maior na ala. Encontramos um que parecia perfeito, mas não sentimos que era o certo.

Naquela primavera, Laura começou a sentir que deveríamos nos mudar para o Brooklyn. Wil não tinha tanta certeza. Não sabíamos nada sobre o Brooklyn, e Wil queria morar perto de seu emprego de investimentos bancários para que, devido às longas horas de trabalho, passasse pouco tempo no trânsito. Decidimos orar a esse respeito e procurar ouvir uma resposta durante a conferência geral.

Ao assistirmos aos discursos num computador portátil em nossa quintete, o élder Stanley G. Ellis, dos Setenta, contou uma experiência que teve quando era membro da presidência de uma estaca. Disse que as famílias que iam se mudar para sua estaca, no Texas, EUA, costumavam perguntar qual era a melhor ala. Só uma vez em 16 anos uma família perguntou qual ala precisava de ajuda.¹

Ficamos tocados com a história que ele contou. Ela foi a resposta a nossas orações. Assim, em vez de ficarmos na ala que amávamos, na qual nos sentíamos à vontade e que tinha um excelente berçário e Primária, levamos o conselho do élder Ellis a sério e oramos a respeito de para onde deveríamos nos mudar.

Naquela época, estávamos servindo como oficiantes de ordenanças no Templo de Manhattan Nova York. Um dos oficiantes conhecia muito bem a cidade de Nova York. Sugeriu duas alas onde ele achava que poderíamos ajudar — *as duas no Brooklyn*.

A primeira ala ficava muito longe do trabalho de Wil. A segunda era mais próxima, e sentimos que tínhamos encontrado o lugar certo quando visitamos a reunião sacramental da ala. Muitos dos membros eram imigrantes haitianos. Como Wil é do Gabão e fala francês, achamos que a ala seria um excelente lar para nós.

Experiências notáveis

Poucas semanas depois, encontramos um apartamento e nos mudamos para lá. Wil foi logo chamado para

servir de muitas maneiras significativas. Levou um tempo para ele entender a língua, mas ele se sentiu abençoado por rapidamente ficar fluente o suficiente em crioulo haitiano para servir de intérprete para os membros nas reuniões e entrevistas. Laura também teve a bênção de servir em vários cargos, e tornamo-nos envolvidos na obra missionária.

Um dos amigos que fizemos foi um jovem pesquisador chamado Normil Romelus, que havia chegado do Haiti para estudar. Ele visitava nossa casa com os missionários, e nós o ensinávamos em francês e crioulo. Depois que Normil foi batizado, ficamos responsáveis financeiramente por ele no programa Pathway da Igreja, no qual ele conheceu sua futura esposa. Wil se sentiu grato por assistir ao casamento deles no Templo de Manhattan.

Também conhecemos uma irmã fiel que chegou a Nova York proveniente do Haiti para tratamento de câncer. Durante sua estada, o conselho da ala fez tudo o que pôde para ajudá-la e se certificar de que ela tivesse tudo o que fosse necessário, inclusive transporte de ida e volta até os locais de

tratamento. Tivemos a bênção de servir a ela e visitá-la durante esse tempo. Esperávamos um final feliz, mas ela acabou falecendo.

Aquelas duas experiências representam o que a ala fazia pelas pessoas: ajudá-las e inspirá-las. Somos gratos por essas e outras experiências notáveis.

O que realmente importa

Aprendemos que, quando servimos ao Senhor e a Seus filhos, Ele cuida de nós. Nossas experiências no Brooklyn nos ajudaram a nos manter firmes. Ajudaram especialmente Wil a dar menos atenção à imponência de Wall Street e a se lembrar do que mais importa. No ramo de investimentos bancários, quase todos trabalham aos domingos. Wil ocasionalmente teve que trabalhar em casa para compensar o serviço, mas o Senhor nos abençoou para que ele nunca precisasse ir ao escritório nos domingos.

Quando nos mudamos para o Brooklyn, achávamos que íamos ser uma de apenas duas famílias com filhos pequenos na ala. Mas os limites da ala foram alterados duas semanas após



nossa mudança, e várias outras jovens famílias também se mudaram para ela.

Por fim, decidimos nos mudar para o Gabão. Sentimos que nossas experiências no Brooklyn nos ajudaram a nos preparar para servir melhor à Igreja e às pessoas da África. Somos gratos por termos seguido a

inspiração de nos mudar. O Senhor nos abençoou — e continua a nos abençoar — de maneiras que jamais teríamos imaginado. ■

Os autores moram em Massachusetts, EUA.

NOTA

1. Ver Stanley G. Ellis, “O caminho do Senhor”, *A Liahona*, maio de 2013, p. 36.

CONFERIR AS BÊNÇÃOS DO SACERDÓCIO

Deus ama todos os Seus filhos e proveu um meio para que cada um de nós retorne à Sua presença.

Nota do editor: Raramente um acontecimento é tão significativo a ponto de que todos se lembrem de onde estavam quando ouviram falar dele. A revelação de 1978 sobre o sacerdócio teve esse tipo de impacto sobre toda uma geração de santos. É impossível no espaço disponível explorar adequadamente a história da revelação ou sua profunda influência sobre a família de Deus, mas, na comemoração do aniversário de 40 anos da revelação, a revista Liahona oferece esta pequena coletânea de artigos pessoais, após a breve introdução abaixo. Para informações mais detalhadas, ver a lista de recursos adicionais na página 21.

O Livro de Mórmon ensina que “todos são iguais perante Deus”, inclusive “negro e branco, escravo e livre, homem e mulher” (2 Néfi 26:33). Como Deus ama todos nós, Ele proveu um meio para que cada um de nós retorne à Sua presença (ver Moisés 5:9; Regras de Fé 1:3). Ao longo da história da Igreja, pessoas de todas as raças e etnias, em muitos países, têm sido batizadas e têm vivido na condição de membros fiéis da Igreja.

A Primeira Presidência fica de pé durante a Conferência Geral de Outubro de 1978, quando os membros unanimemente aceitaram a Declaração Oficial 2. A revelação sobre o sacerdócio abençoou as famílias e abriu as portas para as bênçãos do templo. Extrema direita: uma família caminha pelo terreno do Templo de Acra Gana, um dos oito templos anunciados, em construção ou em funcionamento na África.



FOTOGRAFIA DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA EM 1978. CORTESIA DA BIBLIOTECA DE HISTÓRIA DA IGREJA



Desde meados dos anos 1800, a Igreja não ordenava ao sacerdócio os homens que tivessem antepassados afrodescendentes nem permitia que homens ou mulheres afrodescendentes participassem da investidura do templo ou das ordenanças de selamento.¹

Não há registros conhecidos que expliquem a origem da prática, e o élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, enfatizou que quaisquer teorias levantadas numa tentativa de explicar as restrições são “folclore” que não deve ser perpetuado: “Por mais bem-intencionadas que sejam as explicações, creio que quase todas são impróprias e/ou erradas. (...) Simplesmente não sabemos por que essa prática (...) era utilizada”.²

Muitos profetas e presidentes da Igreja, inclusive Brigham Young, prometeram que dia viria em que todos os homens que fossem dignos receberiam o sacerdócio. Sabendo dessas promessas e testemunhando a fidelidade dos santos dos últimos dias negros, os líderes da Igreja, em meados do século 20, “[imploraram] longa e fervorosamente (...) suplicando a orientação divina do Senhor”.³

Revelação de Deus

Essa orientação veio ao presidente Spencer W. Kimball (1895–1985) “depois de muito meditar e orar nas salas sagradas do santo templo”. Em 1º de junho de 1978, o Senhor revelou a Seu profeta e aos membros da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze Apóstolos que “era chegado o

dia, há muito prometido, em que todo homem da Igreja fiel e digno poderia receber o santo sacerdócio, com o poder para exercer sua autoridade divina e usufruir, com seus entes queridos, todas as bênçãos que dele provêm, incluindo-se as bênçãos do templo”.⁴

Ao anunciar a revelação, a Primeira Presidência afirmou: “Declaramos solenemente que o Senhor deu agora a conhecer a sua vontade para bênção de todos os seus filhos, em toda a Terra”.⁵

Na conferência geral seguinte, a Primeira Presidência apresentou a revelação aos membros da Igreja, que a aceitaram como “a palavra e a vontade do Senhor”, apoiando unanimemente a Declaração Oficial 2 como parte do cânone das escrituras.

O resultado da revelação

O impacto da revelação foi profundo. Não apenas Deus havia concedido as bênçãos do sacerdócio e do templo a todos os membros dignos, independentemente da raça, mas as ordenanças do templo poderiam ser realizadas por todos os que já viveram.

Com a revelação, veio a oportunidade de expandir o trabalho missionário, e o número de membros floresceu em meio a muitas nações, tribos, línguas e povos.

Um rapaz ensina durante uma reunião de quórum em Paris, França, onde a maioria das alas têm membros de vários países do mundo inteiro.



Ensinaamentos da Igreja

À medida que a obra do Senhor continuava a se espalhar por todo o mundo, os membros da Igreja desfrutaram de uma era de maior união. À medida que os membros passaram a interagir cada vez mais com outras pessoas de muitas nacionalidades e culturas, os líderes da Igreja salientaram a importância de amar e fortalecer uns aos outros e de eliminar todo tipo de preconceito e racismo.

“Precisamos ter compaixão pelos filhos de Deus e eliminar qualquer preconceito, seja de raça, gênero ou nacionalidade”, ensinou o presidente M. Russell Ballard, presidente interino do Quórum dos Doze Apóstolos. “Que todos saibam que acreditamos verdadeiramente que as bênçãos do evangelho restaurado de Jesus Cristo estão à disposição de todos os filhos de Deus.”⁶ Falando da família eterna de Deus, o presidente Russell M. Nelson ensinou:

“Só a compreensão da verdadeira natureza paterna de Deus pode produzir o apreço pleno da verdadeira irmandade dos homens. Esse entendimento inspira o desejo de construir pontes de cooperação ao invés de muros de isolamento”.⁷

Prosseguir juntos

Embora não saibamos tudo, há umas poucas coisas que cada um de nós pode saber. Podemos saber que Deus nos ama e que Ele tem um plano para que todos sejamos uma família eterna e unida. Podemos saber que esta é a Igreja restaurada do Senhor e que Ele a lidera por meio de Seus profetas. O fato de termos um testemunho pessoal dessas verdades pode nos ajudar a prosseguir juntos ao longo das



oportunidades e dos desafios com que nos depararmos no caminho para nos tornar semelhantes a Ele (ver Morôni 7:48). ■

NOTAS

1. Ver “Race and the Priesthood” [Raça e sacerdócio], Tópicos do evangelho, topics.LDS.org.
2. Em “The Mormons” [Os mórmons] (entrevista com Jeffrey R. Holland, 4 de março de 2006), pbs.org/mormons/interviews; ver também Dallin H. Oaks, em “Apostles Talk about Reasons for Lifting Ban” [Apóstolos falam sobre as razões do fim da interdição], *Daily Herald*, 5 de junho de 1988, p. 21.
3. Declaração Oficial 2.
4. Declaração Oficial 2.
5. Declaração Oficial 2.
6. M. Russell Ballard, “A jornada continua!”, *Liahona*, novembro de 2017, p. 106.
7. Russell M. Nelson, “Ensinai-nos tolerância e amor”, *A Liahona*, julho de 1994, p. 79.

REVELAÇÃO PARA NOSSOS DIAS

Recordações de profetas e apóstolos sobre a revelação de 1978

Nota do editor: O presidente Thomas S. Monson foi o último apóstolo vivo que estava na sala quando Deus revelou à Primeira Presidência e ao Quórum dos Doze Apóstolos que chegara o momento em que as bênçãos do sacerdócio seriam concedidas a todos os membros dignos, independentemente da raça. Aqui estão alguns breves relatos de quatro das autoridades gerais que estavam presentes naquele dia.

A busca



Presidente Spencer W. Kimball (1895–1985)
12º presidente da Igreja

“Dia após dia, fui sozinho e com grande solenidade e seriedade às salas superiores do templo e lá ofereci minha alma e meu empenho para levar a obra avante. Eu queria fazer a vontade [de Deus]. (...)”

Tivemos a experiência gloriosa de ver o Senhor indicar claramente que chegara o momento para que todos os homens e mulheres dignos de todas as partes pudessem ser seguidores e participantes das bênçãos do evangelho em sua plenitude. Desejo dizer-lhes, como testemunha especial do Senhor, o quão próximo me senti Dele e do Pai Celestial ao fazer inúmeras visitas às salas superiores do templo, às vezes indo sozinho em diversos momentos do dia. O Senhor mostrou-me com muita nitidez o que deveria ser feito.”

Ensinos dos Presidentes da Igreja: Spencer W. Kimball, 2006, pp. 263, 264.

A oração



Presidente Thomas S. Monson (1927–2018)
16º presidente da Igreja

“Ao término da reunião com a Primeira Presidência e o Quórum dos Doze, fizemos uma oração especial no altar [do templo], proferida pelo presidente Kimball. Ele implorou ao Senhor luz e

conhecimento sobre esse assunto que teria consequências tão amplas. Foi uma fonte de grande consolo para as autoridades gerais ouvir sua humilde súplica ao buscar orientação em seu elevado chamado. (...)”

A Primeira Presidência mais tarde expressou gratidão pelo fato de que ‘o espírito de paz e união que prevaleceu na reunião (...) foi o melhor que já se viu, [sendo] essa uma evidência de que nosso debate tinha sido do agrado do Senhor’. (...)”

Foi um momento de regozijo, porque havíamos ouvido o profeta do Senhor declarar a revelação do Senhor para esta época.”

Em Heidi S. Swinton, To the Rescue: The Biography of Thomas S. Monson [Ao Resgate: Biografia de Thomas S. Monson], 2010, p. 393.



Diaconos distribuem o sacramento em Manaus, Brasil. Devido à revelação de 1978, os portadores dignos do sacerdócio de todas as raças podem ministrar as ordenanças do sacerdócio.

A revelação



Élder Bruce R. McConkie (1915–1985)
Do Quórum dos Doze Apóstolos

“O Senhor, em Sua providência, derramou o Espírito Santo sobre a Primeira Presidência e os doze. (...) A revelação veio ao presidente da Igreja; também veio a cada uma das pessoas presentes. Havia dez membros do Conselho dos Doze e três da Primeira Presidência ali reunidos. O resultado foi que o presidente Kimball soube, e cada um de nós também, independentemente de qualquer outra pessoa, por revelação direta e pessoal a nós, que o tempo havia chegado para conceder o evangelho e todas as suas bênçãos e todas as suas obrigações, inclusive o sacerdócio e as bênçãos da casa do Senhor, às pessoas de todas as nações, culturas e raças, inclusive a raça negra. Não havia qualquer dúvida em relação ao que havia acontecido ou quanto à palavra e mensagem que vieram.”

“All Are Alike unto God” [Todos são iguais perante Deus], devocional da Universidade Brigham Young, 18 de agosto de 1978, p. 4, speeches.byu.edu.

A certeza



Presidente Gordon B. Hinckley (1910–2008)
15º presidente da Igreja

“Havia no recinto uma atmosfera sagrada e santificada. Para mim, era como se tivesse surgido uma conexão direta entre o trono celestial e o profeta de Deus que estava ajoelhado e suplicava ao lado dos apóstolos. O Espírito de Deus estava presente. E pelo poder do Espírito Santo veio àquele profeta uma certeza de que aquilo pelo qual havia orado era certo, que o tempo havia chegado, e que então as maravilhosas bênçãos do sacerdócio deveriam ser concedidas a todos os homens dignos de toda parte, independentemente de sua linhagem.

Todos os homens daquele círculo, pelo poder do Espírito Santo, receberam a mesma certeza. (...)

Nenhum dos presentes naquela ocasião foi o mesmo depois. Nem a Igreja foi a mesma coisa.”

“Priesthood Restoration” [A restauração do sacerdócio], *Ensign*, outubro de 1988, p. 70.

Ouçá o presidente Kimball e o presidente Hinckley relembrem a experiência que tiveram com essa revelação, em LDS.org/go/061816.



Élder Edward Dube
Dos Setenta

ABENÇOADOS EM TODOS OS ASPECTOS POSSÍVEIS

Como a revelação abençoou a mim, à minha família e à Igreja na África.

Nota do editor: Mesmo após a revelação de 1978 ter dado fim às restrições sobre quem poderia portar o sacerdócio, muitos membros procuraram entendimento sobre o motivo pelo qual Deus permitiu que essas restrições existissem. Neste artigo, o élder Dube conta sua experiência pessoal em relação a essa dúvida.

A primeira vez em que ouvi falar da restrição a que os homens negros portassem o sacerdócio foi quando eu estava na missão. Fui batizado em 1984, depois que a restrição já havia encerrado. Dois anos depois, fui chamado para servir na Missão África do Sul Joanesburgo.

Enquanto estava designado para Bulawayo, no Zimbábue, meu companheiro, o élder Francis Jack, e eu visitamos uma irmã menos ativa. O marido dela era professor de teologia de outra igreja. Ele nos perguntou por que o sacerdócio não era conferido aos homens negros de ascendência africana. Ele disse muitas outras coisas que me incomodaram — coisas das quais eu nunca tinha ouvido falar. Quando saímos daquela sala, senti-me desanimado e abatido.

O élder Jack e eu pedalamos nossa bicicleta de volta a nosso apartamento, sem nada dizer. Quando lá



chegamos, ele olhou para mim e perguntou: “Élder Dube, qual é o problema? Você parece muito perturbado”.

“Você ouviu o que ele disse?”, repliquei. “Como isso pôde acontecer?”

“Élder, você acredita que o Pai Celestial e Jesus Cristo apareceram ao menino Joseph?”

“Sim”, respondi. “Mas o que aquilo tem a ver com isso?”

“Tem tudo a ver com isso”, respondeu o élder Jack.

“Acreditamos em revelação, não é?”

Pensei em suas palavras e no que o professor dissera. Naquela noite, acordei no meio da noite. Senti-me feliz e em paz.

A resposta para toda pergunta referente ao evangelho está vinculada ao que aconteceu em 1820. O fato de sabermos que o Pai Celestial e Jesus Cristo apareceram a Joseph Smith significa que ele foi um profeta e que esta é a Igreja do Senhor. Se o Pai Celestial e Jesus Cristo apareceram ao jovem Joseph, então todos os princípios do evangelho e todas as dúvidas se encaixam em seu devido lugar. Esta é uma igreja de revelação, e o Senhor revela certos processos em certos momentos a Seus servos, os profetas, e isso me fez sentir paz.

Comecei a dar pulos de alegria e acordei meu companheiro, gritando: “Sim, sim! Você está certo, élder Jack! O Pai Celestial e Jesus Cristo apareceram ao jovem Joseph! Esta é a Igreja do Senhor!”

O fim dessa restrição foi uma bênção para os membros de toda a África. O sacerdócio abençoou a mim e à minha família em todos os aspectos possíveis. Foi uma grande força

para mim ter as bênçãos do templo, a bênção de saber que estaremos juntos em família por toda a eternidade.

O acesso ao sacerdócio abençoou a África. As pessoas já são felizes e otimistas aqui, mas o evangelho acrescentou algo mais a isso. As famílias são muito importantes na África. Por isso, o templo é visto como uma grande bênção. A Igreja está crescendo muito rapidamente aqui.

Os membros daqui dão ouvidos à vontade de Deus e vão e a cumprem. Isso os abençoou. Numa época em que algumas regiões da África têm 90 por cento de desemprego, nossos membros parecem estar fazendo a coisa certa porque são autossuficientes. O sacerdócio e a direção dos líderes do sacerdócio nos abençoaram.

Sinto-me grato ao Pai Celestial e a Jesus Cristo pela oportunidade de portar o sacerdócio, pela bênção que ele foi em minha vida e pelo modo como ele abençoou os membros de todo o continente africano. ■

O élder Edward Dube nasceu no Zimbábue, é casado com Naume e tem quatro filhos.

Jovens vão ao templo em Preston, Inglaterra. Depois da revelação de 1978, as ordenanças do templo estão disponíveis para todos os que já viveram na Terra.



TER O SACERDÓCIO EM ALTA ESTIMA

Charlotte Acquah

Como a revelação de 1978 beneficiou a mim e à minha família?

Nota do editor: Os efeitos da revelação foram bem além da ordenação ao sacerdócio para os homens dignos de todas as raças. A revelação concedeu todas as bênçãos do sacerdócio a todas as pessoas, inclusive os privilégios e as obrigações das ordenanças e dos convênios do templo. Charlotte Acquah, de Gana, membro antigo da Igreja, relata as maneiras pelas quais a revelação abençoou toda a sua família, dando-lhes, entre outras coisas, a oportunidade de testemunhar o estabelecimento oficial da Igreja na África, de ter um portador do sacerdócio em casa e de ser selados como família no templo.



Ouvi falar da Igreja pela primeira vez quando minha mãe se filiou ao grupo do irmão Joseph W. B. Johnson, em 1968.¹ Eu tinha uns 10 anos. Os negócios de meu pai estavam indo mal devido ao golpe de estado de 1966, e nossa família estava passando por momentos difíceis. Por isso, minha mãe achou que seria sensato buscar auxílio espiritual.

Antes da revelação de 1978, a Igreja era informal porque o sacerdócio ainda não era conferido aos negros. Depois da revelação, a Igreja pôde ser estabelecida com a autoridade do sacerdócio. Fui batizada em 24 de fevereiro de 1979.²

Levou dois anos de estudo — e algumas discussões acaloradas — para que meu marido se filiasse à Igreja. Ele finalmente foi batizado em 1980 e depois recebeu o sacerdócio. Tornou-se uma pessoa muito calma, a ponto de seus próprios familiares não conseguirem

acreditar ao verem o quanto ele havia mudado. Ele era cuidadoso em relação ao sacerdócio que portava e também se certificava de sempre fazer a coisa certa perante o Senhor. Sem o sacerdócio, ele diz que teria buscado as honras e a glória dos homens. Mas, com o sacerdócio, ele descobriu que as coisas mais importantes eram o casamento, o lar, a família e o serviço ao próximo.

Em nossa parte do mundo, se você é pai, sua palavra é lei. Mas não usamos o sacerdócio desse modo. Sentamo-nos todos num conselho de família. O pai ajuda a esposa e os filhos a entenderem que aquilo que ele lhes ensina é o correto.

Os homens que são membros da Igreja servem à esposa, em vez de serem servidos pela esposa. Isso lhes proporciona amor e paz uns com os outros.

A primeira vez em que vi meu marido abençoar o sacramento foi durante “o congelamento”, porque realizávamos as nossas reuniões sacramentais em nossa própria casa.³ Sentimo-nos muito bem por ele ter o sacerdócio naquele período. Ninguém tinha que vir à



nossa casa para abençoar o sacramento para nós. Ele o fazia. Foi muito especial. Adorávamos isso.

A primeira vez em que li alguma publicação sobre o fato de os negros não poderem portar o sacerdócio foi durante o congelamento, quando a literatura anti-mórmon começou a ser mais divulgada. Não me incomodei muito com aquilo porque eu sabia que a Igreja era verdadeira. Fomos ensinados a não depender de ninguém, mas a centralizar nossa vida em Jesus Cristo e em Seu sacrifício expiatório. E é nisso em que minha fé se centraliza.

Em 17 de dezembro de 1996, pudemos ir ao Templo de Joanesburgo África do Sul. Senti-me muito entusiasmada, especialmente quando fiquei sabendo que nosso primeiro filho, um bebê que havia morrido com poucos dias de vida, seria selado a nós. Eu achava que ele estava morto e que se fora para sempre, mesmo sabendo que ele era inocente. Mas então, quando ele foi selado a nós, tivemos uma experiência espiritual da qual jamais vou esquecer.

Por isso, quando as pessoas me perguntam quantos filhos temos, eu digo que temos oito filhos. Elas perguntam: “Como?” Eu digo: “Sim, o primeiro está nos esperando, por isso cabe a nós obedecermos aos mandamentos de Deus e vivermos de modo a podermos voltar a estar juntos, como família”.

O sacerdócio é o poder de Deus. Recebi inúmeras bênçãos do sacerdócio. Sempre me sinto muito feliz e espiritualmente elevada quando nossos filhos pedem uma bênção do sacerdócio ao pai. Depois, sei que eles confiam nele e confiam que o Pai Celestial age por intermédio de seu pai, que possui o sacerdócio. Temos o sacerdócio em alta estima em nosso lar. Agora três de nossos filhos estão casados e estão usando o sacerdócio na família deles.

Sei que o sacerdócio é verdadeiro porque é o poder de Deus, e trata-se de um poder vivo, porque o Pai Celestial vive. Ele deu uma porção desse poder a Seus filhos do sexo masculino na Terra. Nós, mulheres, compartilhamos de uma porção do sacerdócio. Eu o tenho

em alta estima. Ele ajudou nossa família e continua a fazê-lo. ■

A autora mora na região central de Gana.

NOTAS

1. Em meados da década de 1960, em Gana, Joseph William Billy Johnson recebeu exemplares do Livro de Mórmon, de Doutrina e Convênios e da Pérola de Grande Valor e sentiu-se compelido a estabelecer congregações extraoficiais da Igreja.
2. Os missionários foram oficialmente designados para Gana pela primeira vez em novembro de 1978.
3. Em 14 de junho de 1989, o governo de Gana expulsou os missionários e baniu a Igreja, mas permitiu que os membros realizassem reuniões em sua própria casa. Dezoito meses depois, o governo expressou sua convicção de que a Igreja ensinava os membros a serem obedientes às leis governamentais e promovia a harmonia racial e, em 1º de dezembro de 1990, o governo de Gana permitiu que as atividades da Igreja voltassem a ser realizadas.

DESCUBRA MAIS NA INTERNET

- Para uma abordagem mais profunda, leia o artigo dos Tópicos do evangelho “Race and the Priesthood” [Raça e sacerdócio], em [topics.LDS.org](https://www.topics.lds.org).
- Leia as experiências marcantes de vários membros da Igreja negros cujos relatos em primeira mão mostram como a revelação de 1978 afetou sua vida e sua conversão:
 - Charlotte e William Acquah (Gana), Helvécio e Rudá Martins (Brasil) e Joseph e Toe Freeman (EUA) em “Testemunhando a fidelidade: Declaração Oficial 2” em [LDS.org/go/061820a](https://www.LDS.org/go/061820a).
 - George Rickford (Inglaterra) em “I Will Take It in Faith” [Vou aceitar pela fé] em [LDS.org/go/061820b](https://www.LDS.org/go/061820b).
 - Victor Nugent (Jamaica) em “Era verdade!” em [LDS.org/go/061820c](https://www.LDS.org/go/061820c).
- Veja fotografias e vídeos dos primeiros missionários enviados para a África Ocidental encontrando centenas de pessoas já preparadas para o batismo em [LDS.org/go/061820f](https://www.LDS.org/go/061820f).

A influência de um pai justo

*Ao olhar para figuras paternas justas
e para meu Pai Celestial, aprendi o
que é a verdadeira paternidade.*

Megan Warren

Em minha infância e juventude, não tive um pai terreno na vida para me familiarizar com o tipo de amor que meu Pai Celestial tem por mim. Em vez disso, observei outros homens que emanavam Seu amor e foram exemplos de verdadeira paternidade. O presidente James E. Faust (1920–2007), segundo conselheiro na Primeira Presidência, ensinou: “A paternidade nobre permite que tenhamos um vislumbre dos atributos divinos do Pai Celestial”.¹ Por meio do exemplo de muitas figuras paternas, incluindo parentes, líderes da Igreja, homens justos das escrituras e até mestres familiares diligentes, aprendi a respeito do caráter do Pai Celestial e dos nobres atributos que os pais terrenos podem desenvolver para imitá-Lo. Por fim, pude transformar a dor que sentia por não ter um pai terreno na alegria de um relacionamento próximo que pude desenvolver com meu Pai Celestial.

Constância e apoio

Nosso Pai Celestial é imutável. Lemos que Ele é “o mesmo ontem, hoje e para sempre” (Mórmon 9:9). Observei que os nobres pais terrenos seguem o exemplo do Pai Celestial de ser inabaláveis. Um pai nobre é leal a sua palavra em todas as coisas. Ele entende que essa constância ajuda os filhos a se sentirem seguros e amados, e está presente tanto nos momentos de crise quanto de alegria.



Nosso Pai Celestial também entende o tipo de esforço necessário para alguém ser digno de morar com Ele para sempre. Conhece cada um de nós pelo nome e permite que tenhamos desafios a fim de sermos refinados. Um nobre pai terreno também permite que os filhos passem por dificuldades de tempos em tempos, pois sabe que os desafios proporcionam oportunidades de crescimento.

Meu marido é um talentoso praticante de artes marciais. Foi ensinado pelo pai dele e com frequência relata que o pai era mais duro com ele do que com os outros alunos. A disciplina do pai o fortaleceu e o ajudou a progredir mais rapidamente. Tal como nosso Pai Celestial, os nobres pais terrenos incentivam os filhos a fazer o melhor ao mesmo tempo em que lhes oferecem força, amor e apoio.

“Obras sem fim”

A obra do Pai Celestial é eterna e sem fim (ver Alma 12:24–33). De modo semelhante, a obra de um nobre pai terreno também não tem fim. Os pais nobres constantemente realizam boas obras e se esforçam por viver em retidão. São verdadeiros e honestos em seu cumprimento dos mandamentos de Deus. Deixam de lado objetivos egoístas para o bem de sua família. Em “A Família: Proclamação ao Mundo”, os profetas vivos ensinaram que “segundo o modelo divino, o pai deve presidir a família com amor e retidão, tendo a responsabilidade de atender às necessidades de seus familiares e de protegê-los”.² Isso inclui não apenas proteção física, mas também espiritual. Os pais nobres lideram pelo exemplo e oferecem amor e conselhos aos filhos. Também advertem contra perigos espirituais quando necessário.

Uma narrativa familiar de poder

Em seu artigo publicado no *New York Times*, “As histórias que nos unem”, Bruce Feiler nos dá uma visão geral dos estudos referentes à deterioração da família. Nesses estudos, os psicólogos descobriram que os filhos que demonstram maior resiliência são aqueles que foram expostos a uma narrativa familiar de poder, que os ajudou a sentir que pertenciam a algo maior. “Se quiser uma família mais feliz”, diz Feiler, “crie, refine e reconte a história dos momentos positivos de sua família e sua capacidade

de se reerguer após as dificuldades. Esse ato, por si só, pode aumentar a probabilidade de que sua família floresça por muitas gerações vindouras”.³

Um exemplo disso pode ser visto em Moisés 1. Moisés se sentiu fortalecido por seu conhecimento do plano de Deus e de sua própria identidade divina. Quando Satanás veio tentá-lo, Moisés resilientemente replicou: “Quem és tu? Pois eis que sou um filho de Deus, à semelhança de seu Unigênito; e onde está tua glória, para que te adore?” (Moisés 1:13.) Moisés teve então a coragem de ordenar que Satanás fosse embora.

Os nobres pais terrenos capacitam seus filhos ao lembrá-los de sua identidade divina como filhos espirituais de Deus. Eles ajudam a edificar uma família forte por meio de seus bons exemplos e se certificam de que os filhos sejam parte disso. Isso dá aos filhos um forte senso de propósito e a confiança para serem bem-sucedidos.

Procurar um marido nobre

Na época em que eu estava conhecendo alguns rapazes, procurava um companheiro eterno que viesse a ser um pai nobre. Como eu tinha crescido sem esse exemplo na infância, era mais difícil para mim saber todas as características que um pai nobre deveria ter. Fiquei decepcionada por minha bênção patriarcal não me dar orientações mais detalhadas sobre a pessoa com quem meu Pai Celestial queria que eu me casasse. Dizia apenas que eu devia procurar alguém que pudesse me levar ao templo. Mas até essa instrução aparentemente simples foi desafiadora. Embora eu tivesse tido algumas experiências positivas ao sair com alguns rapazes, com frequência me preocupava se esse homem existia de fato ou se eu estava destinada a sofrer incontáveis desilusões sentimentais.

A despeito de minha ansiedade decorrente das experiências prévias, continuei a orar por um marido que viesse a ser um pai justo para meus filhos, que os amasse e que estivesse presente na vida deles. Tal como minha fiel mãe, eu sabia que, não importando o que acontecesse, eu poderia contar com o apoio do meu Pai Celestial.

Para minha surpresa e alegria, minhas orações foram respondidas no tempo certo e perfeito do Pai Celestial. É reconfortante para mim ver o exemplo amoroso dado por



Pintura em aquarela da autora, retratando o marido e a filha. Ela foi inspirada a pintar por seu mestre familiar — uma das figuras paternas de sua vida.

meu marido do que um pai deve ser. Sinto-me grata por ele seguir o exemplo deixado pelos profetas e apóstolos e por ele decidir me valorizar e me amar abnegadamente. Seu exemplo como marido amoroso também abençoa nossos filhos. Meu coração está cheio de gratidão por sua fidelidade ao longo das provas, seu exemplo de trabalho árduo, sua dignidade para exercer o sacerdócio e o puro e inabalável amor que ele expressa como jovem pai.

Os pais a nosso redor

Não há limite para a influência de um homem que entende, tal como Moisés, quem ele é. A irmã Sheri Dew, ex-segunda conselheira na presidência geral da Sociedade de Socorro, ensinou que todas as mulheres que nutrem cumprem o papel da maternidade mesmo quando ainda não são mães. “*Somos todas mães em Israel*”, testificou ela, “e nosso chamado é o de amar e ajudar a conduzir a próxima geração através das perigosas ruas da mortalidade”.⁴ Os homens que são exemplos justos cumprem o papel de serem pais em Israel, e seu exemplo virtuoso pode se estender para além de sua própria família.

Depois de meus desafios da infância, tenho certeza de que o Pai Celestial sabia exatamente do que eu precisava

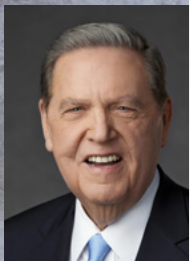
para me capacitar a confiar em meu companheiro eterno. Ele colocou muitos exemplos firmes de paternidade em minha vida. Entre eles estavam meu avô justo, que amava o Senhor, e um mestre familiar diligente que — sabendo das limitações financeiras da minha família — me adotou como aluna em seu ateliê de pintura e me inspirou a seguir seus passos profissionalmente. Em minha vida de jovem adulta, a cura celeste também me foi concedida por meio da bênção inesperada de ganhar um padrasto justo, que foi paciente com minha hesitação em confiar numa figura paterna e que continuamente me expressou bondade.

Por meio da influência justa dessas figuras paternas, encontrei esperança, cura e alegria. Sinto-me grata por todos os homens que seguem o exemplo deixado por nosso Pai Celestial e se esforçam para ser exemplos de nobre paternidade. ■

A autora mora na Califórnia, EUA.

NOTAS

1. James E. Faust, “Aos que me honram honrarei”, *A Liahona*, julho de 2001, p. 54.
2. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, maio de 2017, p. 145.
3. Bruce Feiler, “The Stories That Bind Us” [As histórias que nos unem], *New York Times*, 15 de março de 2013, nytimes.com.
4. Sheri L. Dew, “Não somos todas mães?”, *A Liahona*, janeiro de 2002, p. 113.



**Élder Jeffrey R.
Holland**

Do Quórum dos
Doze Apóstolos

“CARREGAR os fardos uns dos outros”

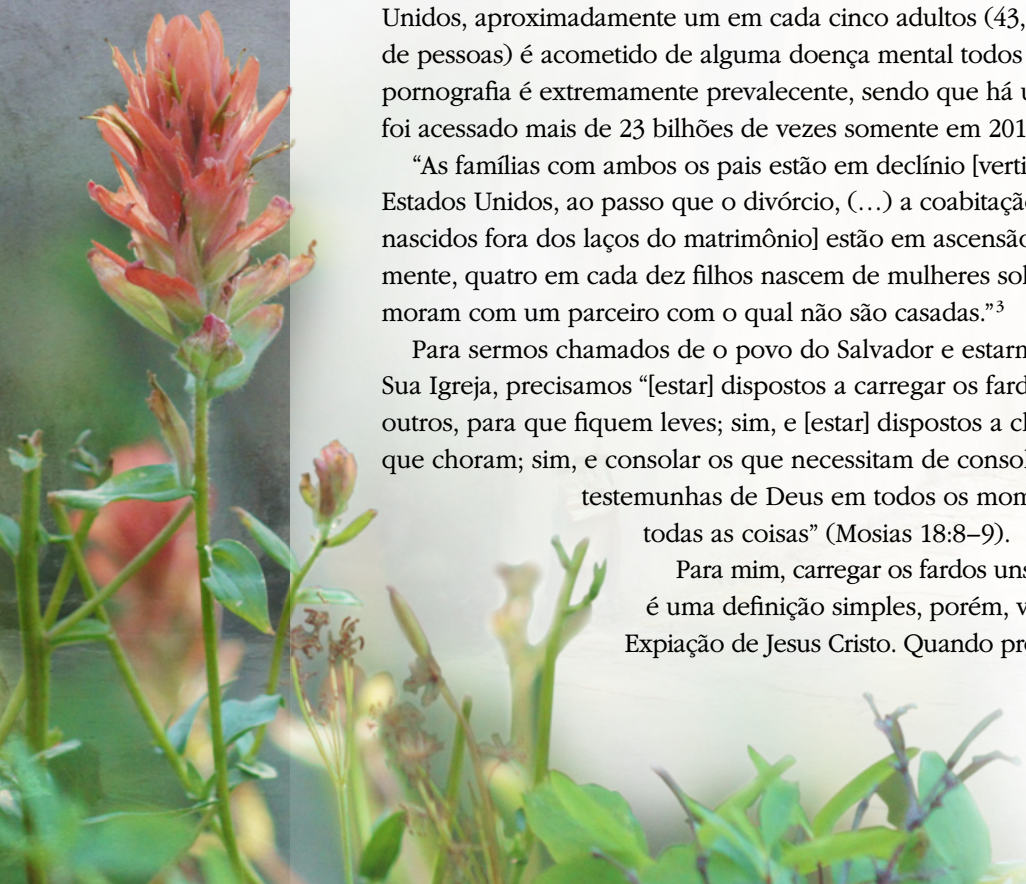
Extraído de um discurso proferido para os funcionários dos Serviços Familiares SUD em junho de 2017. O élder Holland adaptou esta versão para um público mais amplo.

O apóstolo Pedro escreveu que os discípulos de Jesus Cristo devem ser mutuamente “compassivos” (1 Pedro 3:8). Muitos de vocês cumprem esse mandamento honrosa e admiravelmente todos os dias de sua vida. Sem dúvida, a necessidade de compaixão é maior hoje do que jamais foi. Os dados atuais sugerem que, nos Estados Unidos, aproximadamente um em cada cinco adultos (43,8 milhões de pessoas) é acometido de alguma doença mental todos os anos.¹ A pornografia é extremamente prevalente, sendo que há um site que foi acessado mais de 23 bilhões de vezes somente em 2016.²

“As famílias com ambos os pais estão em declínio [vertiginoso] nos Estados Unidos, ao passo que o divórcio, (...) a coabitação [e os filhos nascidos fora dos laços do matrimônio] estão em ascensão. (...) Atualmente, quatro em cada dez filhos nascem de mulheres solteiras ou que moram com um parceiro com o qual não são casadas.”³

Para sermos chamados de o povo do Salvador e estarmos em Sua Igreja, precisamos “[estar] dispostos a carregar os fardos uns dos outros, para que fiquem leves; sim, e [estar] dispostos a chorar com os que choram; sim, e consolar os que necessitam de consolo e servir de testemunhas de Deus em todos os momentos e em todas as coisas” (Mosias 18:8–9).

Para mim, carregar os fardos uns dos outros é uma definição simples, porém, vigorosa da Expiação de Jesus Cristo. Quando procuramos





*Talvez não sejamos capazes de
alterar a jornada, mas podemos
nos certificar de que ninguém
caminhe sozinho. Sem dúvida
é isso que significa carregar os
fardos uns dos outros.*





Quando procuramos carregar os fardos uns dos outros, somos “salvadores no monte Sião” — simbolicamente nos alinhando com o Redentor do mundo e Sua Expição.

carregar os fardos uns dos outros, somos “salvadores no monte Sião” (Obadias 1:21). Estamos simbolicamente nos alinhando com o Redentor do mundo e Sua Expição. Estamos “[restaurando] os contritos de coração, (...) [proclamando] liberdade aos cativos, e (...) [abrindo a] prisão aos presos” (Isaías 61:1).

Empatia divina

Analisemos a questão da Expição de Cristo. Se entendo a doutrina corretamente, na experiência da Expição, Cristo vivenciou indiretamente os pecados, as tristezas, os problemas e as lágrimas de toda a humanidade — e suportou esses fardos — desde Adão e Eva até o fim do mundo. Assim, Ele não pecou de fato, mas sentiu a dor e as consequências por aqueles que pecaram. Ele não vivenciou pessoalmente um casamento desfeito, mas sentiu a dor e as consequências por aqueles que o vivenciaram. Ele não vivenciou pessoalmente o estupro, a esquizofrenia, o câncer ou a perda de um filho, mas sentiu a dor e as consequências que sofrem aqueles que passam por isso. Do mesmo modo que sofreu por outra infinidade de fardos da vida que despedaçam corações.

Essa visão de como funciona a Expição revela o verdadeiro exemplo divino de *empatia* que o mundo já conheceu. Obviamente, palavra alguma é capaz de expressar o ato de maior efeito universal, mas não tenho uma substituta melhor, então vou usar esta.

A *empatia* é definida como “a capacidade de compreender (...) e tentar sentir, pensar e vivenciar o que outra pessoa vivenciou

no passado ou vivencia no presente”.⁴ Como foi mencionado, de certo modo, essa é uma boa declaração do processo

expiatório, sobretudo se acrescentarmos “futuro” a “passado” e “presente”.

Todos sabemos que um número demasiadamente grande de filhos de Deus sofre em silêncio e sozinhos. Tomem como exemplo um rapaz que me escreveu expressando seu testemunho numa carta extraordinariamente bem escrita, mas acrescentando em seguida que sente o coração partido por não ver nenhuma realização ou alegria futura para si, por ele ser alguém que sente atração por pessoas do mesmo sexo:

“Tenho diante de mim uma vida inteira de noites solitárias e manhãs melancólicas. Frequento fielmente minha ala de jovens adultos solteiros e saio da Igreja a cada semana sabendo que jamais me adequarei de verdade. Nunca vou ensinar meu filho a andar de bicicleta. Nunca vou sentir minha filhinha segurar-me o dedo ao aprender a andar. Nunca terei netos.

Voltarei para uma casa vazia, dia após dia, mês após mês, década após década, ancorado apenas em minha fé em Cristo. Às vezes me pergunto por que Ele faria isso comigo e me pediria que fizesse esse sacrifício impossível. Choro à noite quando ninguém me vê. Não disse isso a ninguém nem a meus pais. Eles e meus amigos (...) me rejeitariam se soubessem, assim como todos rejeitaram aqueles que seguiram por esse caminho antes de mim. Vou viver à margem da vida. Tenho a opção de ser importunado e evitado por ser solteiro, ou de ser alvo de pena e ser ignorado por contar o motivo. A vida parece se estender longamente diante de mim. Porventura não há bálsamo em Gileade?”⁵

Com tanta dor e desalento e tamanha desesperança, uma coisa que sem dúvida precisamos tentar oferecer a uma pessoa assim é a certeza de que ela não está sozinha.





Devemos ser eloquentes ao salientar que Deus está com ela, os anjos estão com ela e nós estamos com ela.

Empatia. Parece bastante inadequado, mas é um lugar para começar. Talvez não consigamos alterar a jornada, mas podemos nos certificar de que ninguém caminhe sozinho. Sem dúvida é isso que significa carregar os fardos uns dos outros — são *realmente* fardos. E ninguém sabe quando serão aliviados na mortalidade, se é que o serão. Mas podemos caminhar juntos e compartilhar o peso. Podemos erguer nossos irmãos, assim como Jesus Cristo nos ergueu (ver Alma 7:11–13).

E ao longo de tudo isso, sem dúvida adquirimos renovada e mais brilhante gratidão pelo que o Salvador faz, no final, por nós. Como eu disse:

“No empenho de obter um pouco de paz e compreensão nesses difíceis assuntos, é essencial lembrar que estamos vivendo, e escolhemos viver, num mundo decaído, no qual, por propósitos divinos, nossa busca pela divindade será testada e posta à prova muitas e muitas vezes. A maior garantia no plano de Deus é que um Salvador nos foi prometido, um Redentor que por meio de nossa fé Nele nos elevaria vitoriosos desses testes e dessas provações, embora o custo para isso fosse inimaginável tanto para o Pai, que O enviou, quanto para o Filho, que veio. É apenas nossa gratidão por

esse amor divino que torna nosso próprio sofrimento, que é menor, a princípio suportável, depois compreensível e, por fim, redentor”.⁶

Aprendemos rapidamente que nossos melhores e mais abnegados serviços geralmente não são adequados para consolar nem encorajar as pessoas do modo como elas necessitam. Ou, se tivermos sucesso uma vez, com frequência não conseguimos repeti-lo. Tampouco somos super-heróis na prevenção da recaída dos que estão sob nossos cuidados. Tudo isso é motivo para que, em última instância, nos volte-mos para Jesus Cristo e confiemos Nele (ver 2 Néfi 9:21).

Com muita frequência não conseguimos ajudar, ou ao menos não conseguimos manter nossa ajuda ou não conseguimos repeti-la quando às vezes temos sucesso. Mas Cristo pode ajudar. Deus, o Pai, pode ajudar. O Espírito Santo pode ajudar, e precisamos continuar tentando ser Seus agentes, ajudando quando e onde pudermos.

Voltar a nos fortalecer

Para aqueles que buscam sinceramente carregar os fardos uns dos outros, é importante que fortaleçam a si mesmos e se ergam quando outros esperam e até mesmo exigem tanto de vocês. Ninguém é tão forte a ponto de nunca se sentir fatigado ou frustrado ou de não reconhecer a necessidade



O serviço que prestamos quando carregamos os fardos uns dos outros é de fundamental importância — é literalmente a obra do Mestre.

de cuidar de si mesmo. Jesus certamente sentiu essa fadiga, sentiu Sua força se esgotar. Ele Se doou e Se dedicou, mas havia um preço para isso, e Ele sentiu os efeitos de tantos dependerem Dele. Quando a mulher com um fluxo de sangue O tocou no meio da multidão, Ele a curou, mas também notou que “saíra de si poder” (ver Marcos 5:25–34).

Sempre fiquei impressionado pelo fato de Ele poder dormir no meio de uma tempestade no mar da Galileia, tão séria e severa que Seus experientes discípulos pescadores achavam que o navio fosse afundar. Será que Ele estava muito cansado? Quantos sermões vocês podem dar e quantas bênçãos podem administrar sem ficarem absolutamente exaustos? Os cuidadores também precisam de cuidados. É preciso ter uma reserva antes de oferecer algo a alguém.

Rosalynn Carter, presidente da junta do Instituto Rosalynn Carter para Cuidadores, disse certa vez: “Há somente quatro tipos de pessoas neste mundo: os que foram cuidadores, os que são cuidadores atualmente, os que serão cuidadores e os que precisarão de cuidadores”.⁷

Evidentemente, “a relação entre um cuidador e o recebedor de cuidados é [séria, e até mesmo] sagrada”.⁸ Contudo, ao vivenciarmos o desafio de carregar os fardos uns dos outros, podemos lembrar que nenhum de nós está imune ao impacto de ter empatia pelo dor e pelo sofrimento de alguém de quem cuidamos.

Busque o equilíbrio

É importante encontrar maneiras de equilibrar seu papel de cuidador com outros aspectos de sua vida — incluindo trabalho,

família, relacionamentos e atividades que você aprecia. Num discurso de conferência geral sobre o assunto, tentei “[prestar] homenagem a todos vocês, a todos os que trabalham, preocupam-se e se esforçam tanto ‘com o fito de praticar o bem’. Há tantos que são tão generosos! Sei que alguns de vocês [enfrentam dificuldades emocionais ou financeiras e] se esforçam para viver com o que ganham e, ainda assim, encontram o que compartilhar [com os outros]. Como alertou o rei Benjamim a seu povo, não se exige que corramos mais rapidamente do que o permitam nossas forças, e todas as coisas devem ser feitas em ordem (ver Mosias 4:27)”.⁹ Mas, a despeito disso, sei que muitos de vocês correm muito e que sua energia e seu suprimento emocional às vezes chegam a quase zero.

Quando os problemas parecem grandes demais, lembrem-se destas palavras de um artigo escrito por David Batty:

“A esperança não é um sentimento — não é uma maré de alegria no meio de um problema.

(...) A esperança não é a varinha mágica que faz o problema desaparecer. A esperança é o cabo salva-vidas que o impede de ser arrastado pelas tormentas da vida.

Quando você deposita sua esperança em Cristo, coloca Sua confiança em Suas promessas de que Ele jamais o abandonará nem esquecerá — que Ele fará o que é melhor para você. Mesmo que você esteja no meio de um problema enorme, a esperança permite que você esteja em paz, sabendo que Jesus está com você a cada passo do caminho”.¹⁰

Adoro o modo como Paulo lidou com essa dificuldade e esse sentimento de inadequação. Nas escrituras, o Senhor explicou que Sua graça bastava para Paulo e que, de fato, Seu poder se “aperfeiçoa na fraqueza”. Depois, Paulo escreveu: “De boa vontade, pois, me gloriarei nas



minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo” (2 Coríntios 12:9).¹¹

Confiar no Pai e no Filho

Precisamos confiar que nosso Pai Celestial e Jesus Cristo realmente Se importam conosco e com o que estamos fazendo, que Eles querem que nos “[aperfeiçoemos] na fraqueza” — assim como você deseja para as pessoas de quem você cuida.

Presto testemunho de que Deus está ciente de nossos fardos e de que vai nos fortalecer para que fortaleçamos outras pessoas. Isso não significa que nossos problemas vão sempre desaparecer ou que o mundo repentinamente será envolto em paz. No entanto, suas orações estão sendo ouvidas. O mesmo se dá com as orações do viúvo, do divorciado, do solitário, do sobrecarregado, do viciado, do enfermo, do desesperado — de todos.¹²

Irmandos e irmãs, o serviço que prestamos quando carregamos os fardos uns dos outros é de fundamental importância — é literalmente a obra do Mestre. O número de cartas recebidas em meu escritório salienta o quanto é necessária essa ajuda. Ela é um maná do céu para os que enfrentam dificuldades.

Eu disse certa vez: “Quando falamos daqueles que são instrumentos na mão de Deus, lembramo-nos de que nem todos os anjos vêm do outro lado do véu. Alguns deles caminham conosco e falam conosco — aqui, agora e todos os dias. Alguns deles moram em nossa própria vizinhança. Alguns deles nos trouxeram ao mundo, e no meu caso, um deles concordou em casar-se comigo. De fato, o céu não pode parecer mais próximo do que quando vemos o amor de Deus manifestado na bondade e na devoção de pessoas tão boas e tão puras, que *anjo* é a única palavra que nos vem à mente”.¹³

Para mim, quando vocês se esforçam para aliviar os fardos uns dos outros, são realmente anjos de misericórdia,



no sentido mais literal. Que recebam de volta centuplicado tudo o que vierem a oferecer. ■

NOTAS

1. Ver “Mental Health by the Numbers” [A saúde mental em números], Aliança Nacional para Doenças Mentais dos EUA, nami.org.
2. Ver “World’s Largest Porn Site Reveals the Most-Searched Porn Genre of 2016” [O maior site de pornografia do mundo revela qual é o gênero de pornografia mais procurado em 2016], Fight the New Drug [Combata a nova droga], 9 de janeiro de 2017, fightthenewdrug.org.
3. “Parenting in America” [País e mães na América], Centro de Pesquisas Pew, 17 de dezembro de 2015, pewsocialtrends.org; ver também D’Vera Cohn e Andrea Caumont, “10 Demographic Trends That Are Shaping the U.S. and the World” [Dez tendências demográficas que estão moldando os EUA e o mundo], Centro de Pesquisas Pew, 31 de março de 2016, pewsocialtrends.org.
4. Merriam-Webster’s Collegiate Dictionary, 11ª ed., 2003, “empathy” [empatia].
5. Correspondência pessoal.
6. Jeffrey R. Holland, “Como um vaso quebrado”, *A Liahona*, novembro de 2013, p. 40.
7. Ver rosallynnccarter.org/UserFiles/Jensen.pdf; ver também Rosalynn Carter, em Randi Kaplan, “How to Care for the Caregiver” [Como cuidar do cuidador], 13 de maio de 2015, health.usnews.com.
8. Nancy Madsen-Wilkerson, “When One Needs Care, Two Need Help” [Quando alguém precisa de cuidados, dois precisam de ajuda], *Ensign*, março de 2016, pp. 38–39.
9. Jeffrey R. Holland, “Um punhado de farinha e um pouco de azeite”, *A Liahona*, julho de 1996, p. 31.
10. David Batty, “Finding Hope in the Midst of Life’s Problems” [Encontrar esperança no meio dos problemas da vida], livingfree.org.
11. Ver Anne C. Pingree, “Making Weak Things Become Strong” [Tornar fortes as coisas fracas], *Ensign*, dezembro de 2004, pp. 28–30.
12. Ver Dallin H. Oaks, “Ele cura os oprimidos”, *A Liahona*, novembro de 2006, p. 6.
13. Jeffrey R. Holland, “O ministério de anjos”, *A Liahona*, novembro de 2008, p. 30.





CAPÍTULO 4

Sê vigilante

Este é o capítulo 4 de uma nova narrativa histórica de quatro volumes intitulada Santos: A História da Igreja de Jesus Cristo nos Últimos Dias. O livro estará disponível em 14 idiomas em versão impressa, na seção História da Igreja do aplicativo Biblioteca do Evangelho e online no site santos.LDS.org. Os próximos capítulos serão publicados em edições posteriores até o volume 1 ser lançado antes do fim deste ano. Esses capítulos estarão disponíveis em 47 idiomas no aplicativo Biblioteca do Evangelho e em santos.LDS.org.

Aos 21 anos de idade, Emma Hale ouviu falar pela primeira vez sobre Joseph Smith quando ele foi trabalhar com seu vizinho, Josiah Stowell, no outono de 1825. Josiah havia contratado o jovem rapaz e seu pai para ajudá-lo a encontrar um tesouro enterrado em sua propriedade,¹ pois lendas locais contavam sobre um grupo de desbravadores que havia explorado minas de prata e escondido o tesouro naquela área, há centenas de anos. Sabendo que Joseph tinha o dom de usar pedras de vidente, Josiah lhe ofereceu um bom salário e uma participação no que encontrassem se ele o ajudasse na busca.²

O pai de Emma, Isaac, apoiava a busca e, quando Joseph e o pai vieram para a fazenda Stowell, em Harmony, Pensilvânia, uma vila aproximadamente a 260 quilômetros ao sul de Palmyra, Isaac serviu como testemunha quando eles assinaram um contrato, além de permitir que os trabalhadores morassem em sua casa.³

Emma conheceu Joseph logo depois. Ele era mais jovem do que ela, tinha mais de 1,80 metro de altura e parecia uma pessoa acostumada a trabalhar arduamente. Seus olhos eram azuis, a pele clara e ele mancava um pouco. Sua gramática era fraca e ele, às vezes, usava muitas palavras para conseguir se expressar, mas demonstrava uma inteligência natural ao falar. Ele e o pai eram bons homens, que preferiam adorar a Deus a seu próprio modo em vez de ir à igreja que Emma e sua família frequentavam.⁴

Joseph e Emma gostavam de estar ao ar livre. Desde a infância, Emma gostava de andar a cavalo e passear de barco no rio perto de sua casa. Joseph não era um cavaleiro hábil, mas se destacava em luta e nos jogos com bola. Ele ficava à vontade na companhia de outras pessoas e sorria facilmente, muitas vezes contando piadas ou histórias engraçadas. Emma era mais reservada, mas adorava uma boa piada, era capaz de conversar com qualquer pessoa. Ela também gostava de ler e cantar.⁵

À medida que passavam as semanas, Emma conhecia melhor Joseph, e os pais dela começaram a ficar preocupados com o relacionamento dos dois, pois Joseph era um trabalhador pobre de outro estado, e eles tinham esperança de que a filha perdesse o interesse nele e se casasse com um rapaz de uma das famílias prósperas do vale onde moravam. O pai de Emma também estava ficando desconfiado com a caça ao tesouro e tinha suspeitas do que Joseph estava fazendo. Isaac Hale parecia não se importar com o fato de que Joseph tentou convencer

Josiah Stowell a cancelar a busca quando ficou claro que não encontrariam nada.⁶

Emma gostava de Joseph, mais do que de qualquer outro rapaz que já conhecera, e não parou de lhe fazer companhia. Depois que teve sucesso em convencer Josiah a encerrar a busca pelo tesouro, Joseph permaneceu em Harmony para trabalhar na sua fazenda. Às vezes, ele também trabalhava para Joseph e Polly Knight, outra família de fazendeiros da região, mas, quando não estava trabalhando, ele visitava Emma.⁷

Joseph e sua pedra de vidente logo haviam se tornado o assunto das fofocas em Harmony. Algumas das pessoas mais velhas na cidade acreditavam em videntes, mas muitos de seus filhos e netos não. O sobrinho de Josiah, alegando que Joseph havia se aproveitado do tio, levou o jovem ao tribunal, acusando-o de fraude.

Em frente ao juiz local, Joseph lhe contou como encontrou a pedra. Joseph Sr. também testemunhou que orava

Em 2015, a Igreja reconstruiu esta réplica da casa de Isaac e Elizabeth Hale, em Harmony, Pensilvânia. Joseph Smith conheceu a filha deles, Emma, quando morava na propriedade, ao trabalhar para Josiah Stowell.





A casa de estrutura de madeira da família Smith, em Manchester, Nova York, foi restaurada usando a estrutura original. Após seu casamento, em 1827, Joseph e Emma moraram aqui com seus pais.

constantemente para que Deus lhes mostrasse Sua vontade a respeito do maravilhoso poder de Joseph como vidente. No final, Josiah compareceu à corte e afirmou que Joseph não o havia enganado.

“Pelo que entendi, você acredita que o prisioneiro consegue ter visões com a ajuda da pedra?”, perguntou o juiz.

“Não”, insistiu Josiah. “Eu verdadeiramente sei que ele consegue.”

Josiah era um homem respeitado na comunidade e as pessoas aceitavam sua palavra. No final, o julgamento não evidenciou que Joseph o havia enganado, e o juiz encerrou o caso.⁸

Em setembro de 1826, Joseph voltou para a colina para buscar as placas, mas Morôni disse que ele ainda não estava preparado para obtê-las. “Pare de andar na companhia de caçadores de tesouro”, o anjo ordenou, pois havia homens pecaminosos entre eles.⁹ Morôni lhe deu mais um ano para harmonizar sua vontade com a de Deus e, se não o fizesse, as placas nunca seriam confiadas a ele.

O anjo lhe disse também que trouxesse alguém com ele no próximo encontro, o mesmo pedido que ele havia feito no final da primeira visita de Joseph à colina. Porém, como Alvin havia falecido, Joseph ficou confuso.

“Quem é a pessoa certa?”, ele perguntou.

“Você saberá”, Morôni respondeu.

Joseph procurou a orientação do Senhor por meio de sua pedra de vidente e passou a saber que a pessoa certa era Emma.¹⁰

Joseph se sentiu atraído por Emma tão logo a conheceu. Como Alvin, ela era uma pessoa que poderia ajudá-lo a se tornar o homem que o Senhor precisava para levar avante Seu trabalho, mas havia algo mais profundo do que isso. Joseph a amava e queria se casar com ela.¹¹

Em dezembro, Joseph fez 21 anos de idade. No passado, ele se deixara influenciar pelas expectativas de pessoas que queriam tirar vantagens de seu dom,¹² mas, depois de sua última visita à colina, ele soube que precisava se preparar melhor para receber as placas.

Antes de voltar para Harmony, Joseph falou com seus pais. “Concluí que devo me casar”, disse-lhes “e, se não tiverem uma objeção, a srta. Emma Hale é minha escolha”. Seus pais ficaram satisfeitos com sua decisão, e Lucy insistiu que fossem morar com eles depois de se casarem.¹³

Naquele inverno, Joseph passou o tempo que tinha disponível com Emma, às vezes pegava emprestado um trenó da família Knight para ir até a casa da família Hale quando a



Na noite de 22 de setembro de 1827, Joseph e Emma foram de carruagem até este monte, onde estavam enterradas as placas do Livro de Mórmon. Depois de receber as placas, Joseph as escondeu num tronco oco por algum tempo, para protegê-las de caçadores de tesouros.

neve dificultava a viagem. Os pais dela ainda não gostavam dele, e seus esforços para conquistar a família falharam.¹⁴

Em janeiro de 1827, Emma visitou a casa de Josiah Stowell, onde ela e Joseph podiam passar um tempo juntos, longe do olhar de reprovação da família dela. Joseph pediu Emma em casamento e, a princípio, ela pareceu surpresa. Ela sabia que seus pais iriam se opor ao casamento,¹⁵ mas Joseph insistiu para que pensasse sobre seu pedido. Eles poderiam fugir de imediato.

Emma considerou a proposta. O casamento com Joseph seria uma decepção para seus pais, mas ela o amava e ele era a escolha de seu coração.¹⁶

Pouco tempo depois, em 18 de janeiro de 1827, o casal fugiu e se casou na casa do juiz de paz local, saindo de lá direto para Manchester, onde começaram a vida juntos na nova casa dos pais de Joseph. A casa era confortável, mas Joseph Sr. e Lucy gastaram mais do que podiam nela e, por causa disso, atrasaram os pagamentos e perderam a propriedade. Agora eles a alugavam do novo proprietário.¹⁷

A família Smith gostava de ter Joseph e Emma com eles, mas o chamado divino de seu filho os deixava ansiosos, pois as pessoas na região tinham ouvido falar

sobre as placas de ouro e às vezes iam procurá-los.¹⁸

Certo dia, Joseph foi à cidade para resolver algumas coisas, mas, quando não voltou para o jantar, seus pais ficaram preocupados. Eles esperaram muitas horas por ele, incapazes de dormir, até que Joseph abriu a porta e se jogou em uma cadeira, exausto.

“Por que você chegou tão tarde?”, seu pai perguntou.

“Eu recebi a repreensão mais severa de minha vida”, Joseph disse.

“Quem repreendeu você?”, perguntou o pai.

“Foi um anjo do Senhor”, Joseph respondeu. “Ele disse que tenho sido negligente”, pois o dia em que encontraria Morôni se aproximava. “Tenho muitas coisas para fazer com urgência”, ele disse. “Devo me preparar para fazer as coisas que Deus me mandou fazer.”¹⁹

Depois da colheita do outono, Josiah Stowell e Joseph Knight viajaram até Manchester para comprar grãos. Os dois sabiam que o quarto aniversário da visita de Joseph à colina estava próximo e eles queriam saber se Morôni finalmente confiaria as placas a ele.

Além deles, os caçadores de tesouro locais também sabiam que estava na época de Joseph pegar o registro,

Em casa, Joseph Sr. andava de um lado para o outro, olhando a cada minuto para a estrada, até que avistou Joseph e Emma se aproximando.

“Pai”, disse Joseph descendo do cavalo, “está tudo perfeitamente a salvo — não há motivo para alarme”.²⁹

Ainda assim, já era hora de agir.

Indo apressadamente até a colina, Joseph encontrou o tronco onde havia escondido as placas e cuidadosamente as embrulhou numa camisa.³⁰ Em seguida, seguiu floresta adentro em direção à casa, alerta para o perigo. A floresta o ocultava das pessoas na estrada principal, mas dava aos caçadores de tesouro muitos lugares onde se esconder.

Esforçando-se para aguentar o peso do registro, Joseph atravessou o bosque o mais rápido que pôde, mas encontrou uma árvore caída bloqueando o caminho e, ao pular sobre ela, sentiu um objeto duro acertando-o pelas costas. Quando olhou para trás, viu um homem vindo até ele, empunhando uma arma como se fosse um taco.

Segurando as placas firmemente com um braço, Joseph derrubou o homem no chão e se embrenhou mais ainda no mato, correndo por cerca de um quilômetro até que outro homem surgiu por detrás de uma árvore e o golpeou com a coronha de sua arma. Joseph lutou contra ele e se afastou, desesperado para sair do bosque. Porém, antes que conseguisse ir muito longe, um terceiro homem o acertou com um duro golpe que o fez rodopiar. Reunindo suas forças, Joseph bateu forte no homem e correu até chegar em casa.³¹

Rapidamente, entrou pela porta com seu pesado embrulho enfiado debaixo de um braço. “Pai”, disse ofegante, “estou com as placas”.

Katherine, a irmã de 14 anos, ajudou-o a colocar o embrulho sobre a mesa, e o resto da família se reuniu ao seu redor. Joseph percebeu que seu pai e o irmão mais novo, William, queriam desembulhar as placas, mas ele os deteve.

“Não podemos vê-las?”, perguntou Joseph Sr.

“Não”, respondeu Joseph. “Fui desobediente na primeira vez e tenho a intenção de ser fiel desta vez.”

Ele lhes disse que poderiam sentir as placas através do tecido, e William, seu irmão mais novo, pegou o embrulho, dizendo que era mais pesado do que uma pedra e que tinha folhas que se moviam, como páginas de um livro.³² Joseph então mandou seu irmão mais novo, Don Carlos, pegar um

cofre que estava com Hyrum, que morava próximo dali com sua esposa, Jerusha, e a filha recém-nascida.

Hyrum chegou em seguida e, assim que as placas estavam seguras dentro do cofre, Joseph se jogou sobre uma cama e contou à família sobre os homens no bosque.

Enquanto falava, ele percebeu que sua mão estava doendo e se deu conta de que, em algum momento durante os ataques, ele havia deslocado o polegar.

“Preciso parar de falar, pai”, ele disse de repente, “e colocar meu polegar de volta no lugar”.³³ ■

Uma lista completa dos trabalhos citados está disponível em inglês no site saints.LDS.org.

A palavra *Tópico* nas notas indica que há mais informações online no site santos.LDS.org.

NOTAS

1. Agreement of Josiah Stowell and Others [Contrato de Josiah Stowell e outros], 1º de novembro de 1825, em *JSP*, D1, pp. 345–352.
2. Smith, *Biographical Sketches* [Esboços Biográficos], pp. 91–92; Oliver Cowdery, “Letter VIII” [Carta VIII], *LDS Messenger and Advocate*, outubro de 1835, vol. 2, pp. 200–202; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, pp. 7–8, em *JSP*, H1, p. 234 (rascunho 2); Smith, *On Mormonism* [Sobre o Mormonismo], p. 10.
- Tópico:** Treasure Seeking [A busca de tesouros].
3. Agreement of Josiah Stowell and Others [Contrato de Josiah Stowell e outros], 1º de novembro de 1825, em *JSP*, D1, pp. 345–352.
4. Pratt, *Autobiography* [Autobiografia], p. 47; Burnett, *Recollections and Opinions of an Old Pioneer* [Memórias e Opiniões de um Velho Pioneiro], pp. 66–67; Woodruff, *Journal* [Diário], 4 de julho de 1843, e 20 de outubro de 1855; Emmeline B. Wells, “L.D.S. Women of the Past” [Mulheres SUD do passado], *Woman’s Exponent*, fevereiro de 1908, vol. 36, p. 49; Joseph Smith III, “Last Testimony of Sister Emma” [O último testemunho da irmã Emma], *Saints’ Herald*, 1º de outubro de 1879, p. 289; ver também Staker e Ashton, “Growing Up in the Isaac and Elizabeth Hale Home” [Crescendo no lar de Isaac e Elizabeth Hale]; e Ashurst-McGee, “Josiah Stowell Jr.—John S. Fullmer Correspondence” [Correspondência de Josiah Stowell Jr. e John S. Fullmer], pp. 108–117.
5. Baugh, “Joseph Smith’s Athletic Nature” [A Natureza Atlético de Joseph Smith], pp. 137–150; Pratt, *Autobiography* [Autobiografia], p. 47; Burnett, *Recollections and Opinions of an Old Pioneer* [Memórias e Opiniões de um Velho Pioneiro], pp. 66–67; *Recollections of the Pioneers of Lee County* [Memórias dos Pioneiros do Condado de Lee], p. 96; Younggreen, *Reflections of Emma* [Memórias de Emma], pp. 61, 67, 65, 69; Emmeline B. Wells, “L.D.S. Women of the Past” [Mulheres SUD do passado], *Woman’s Exponent*, fevereiro de 1908, vol. 36, p. 49.
6. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 8, em *JSP*, H1, p. 234 (rascunho 2); Smith, *Biographical Sketches* [Esboços Biográficos], p. 92; Bushman, *Rough Stone Rolling* [Uma Pedra Bruta], pp. 51–53; Staker, “Isaac and Elizabeth Hale in Their Endless Mountain Home” [Isaac e Elizabeth Hale em Sua Casa na Montanha sem Fim], p. 104.
7. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, pp. 7–8, em *JSP*, H1, pp. 234–236 (rascunho 2); Knight, *Reminiscences* [Memórias], p. 2; Joseph Smith III, “Last Testimony of Sister Emma” [O último testemunho da irmã Emma], *Saints’ Herald*, 1º de outubro de 1879, p. 290.
8. William D. Purple, “Joseph Smith, the Originator of Mormonism” [Joseph Smith, o criador do mormonismo], *Chenango Union*, 2 de maio de 1877, p. 3; ver também An Act for Apprehending and Punishing Disorderly Persons [Uma lei para prender e punir pessoas desordeiras],



Joseph pediu a seu irmão Hyrum uma caixa com tranca como esta para guardar as placas do Livro de Mórmon.

- 9 de fevereiro de 1788, *Laws of the State of New-York* [Leis do Estado de Nova York], 1813, vol. 1, p. 114. **Tópico:** Joseph Smith's 1826 Trial [O julgamento de Joseph Smith em 1826].
9. "Mormonism—No. II" [Mormonismo Nº II], *Tiffany's Monthly*, julho de 1859, p. 169.
10. Knight, *Reminiscences* [Memórias], p. 2.
11. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, p. 96; ver também Knight, *Reminiscences* [Memórias], p. 2.
12. Ver "The Original Prophet" [O profeta original], *Fraser's Magazine*, fevereiro de 1873, pp. 229–230.
13. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1845, p. 97.
14. Knight, *Reminiscences* [Memórias], p. 2; Joseph Smith III, "Last Testimony of Sister Emma" [O último testemunho da irmã Emma], *Saints' Herald*, 1º de outubro de 1879, p. 289.
15. Joseph Smith III, "Last Testimony of Sister Emma" [O último testemunho da irmã Emma], *Saints' Herald*, 1º de outubro de 1879, p. 289; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 8, em *JSP*, H1, p. 236 (rascunho 2).
16. Joseph Smith III, "Last Testimony of Sister Emma" [O último testemunho da irmã Emma], *Saints' Herald*, 1º de outubro de 1879, p. 290; Joseph Lewis e Hiel Lewis, "Mormon History. A New Chapter, about to Be Published" [A história mórmon, um novo capítulo a ser publicado], *Amboy Journal*, 30 de abril de 1879, p. 1; ver também Oliver Cowdery, "Letter VIII" [Carta VIII], em *LDS Messenger and Advocate*, outubro de 1835, vol. 2, p. 201.
17. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 8, em *JSP*, H1, p. 236 (rascunho 2); Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 4, pp. 11–12; livro 5, pp. 1–3. **Tópico:** Sacred Grove and Smith Family Farm [O bosque sagrado e a fazenda da família Smith].
18. "Mormonism—No. II" [Mormonismo Nº II], *Tiffany's Monthly*, julho de 1859, pp. 167–168.
19. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 5, pp. 4–6.
20. Knight, *Reminiscences* [Memórias], p. 2.
21. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 5, p. 6.
22. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1845, p. 105.
23. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, p. 1.
24. "Mormonism—No. II" [Mormonismo Nº II], *Tiffany's Monthly*, junho de 1859, pp. 165–166; Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 5, p. 6.
25. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 5, pp. 6–7; Knight, *Reminiscences* [Memórias], p. 2.
26. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 5, pp. 7–8.
27. Knight, *Reminiscences* [Memórias], pp. 2–3; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 5, em *JSP*, H1, p. 222 (rascunho 2); ver também Alma 37:23.
28. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 5, pp. 8–10; "Mormonism—No. II" [Mormonismo Nº II], *Tiffany's Monthly*, agosto de 1859, p. 166; Smith, *Biographical Sketches* [Esboços Biográficos], p. 103; ver também Gênesis 25:29–34.
29. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 5, p. 10 e fragmento de papel adjacente.
30. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 5, p. 11. **Tópico:** Gold Plates [Placas de ouro].
31. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 5, p. 11.
32. "The Old Soldier's Testimony" [O testemunho de um velho soldado], *Saints' Herald*, 4 de outubro de 1884, pp. 643–644; Salisbury, "Things the Prophet's Sister Told Me" [Coisas Que a Irmã do Profeta Me Disse], 1945, Biblioteca de História da Igreja; Ball, "The Prophet's Sister Testifies She Lifted the B. of M. Plates" [A Irmã do Profeta Testifica Que Segurou as Placas do Livro de Mórmon], 1954, Biblioteca de História da Igreja; Smith, *William Smith on Mormonism* [William Smith sobre o Mormonismo], p. 11; Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 5, p. 11; Joseph Smith III, "Last Testimony of Sister Emma" [O último testemunho da irmã Emma], *Saints' Herald*, 1º de outubro de 1879, p. 290.
33. Lucy Mack Smith, *History* [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 5, pp. 11–12. **Tópico:** Lucy Mack Smith.

A IGREJA ESTÁ AQUI?

Filiei-me à Igreja aos 36 anos de idade e às vezes me sentia espiritualmente forte. Em outras ocasiões, só agia mecanicamente. Em meio a uma agenda de trabalho caótica, minha mulher começando em um novo emprego, problemas de saúde e outros desafios, comecei a ficar espiritualmente fraco. Eu ia à Igreja e dava aulas no quórum de diáconos, mas era tudo o que eu conseguia me forçar a fazer. Não tinha energia para abrir as escrituras nem para me ajoelhar a fim de orar.

Ainda estava tendo dificuldades quando parti para uma viagem de negócios para o norte do Chile. Do aeroporto, em Copiapó, viajamos de carro por duas horas até o local de instalação de um projeto solar, no deserto de Atacama, no Chile.

Fiquei surpreso de ver como aquele lugar era isolado, passando por quilômetros e quilômetros de deserto vermelho. A solidão da paisagem era impressionante.

Depois de permanecer no local por uma semana, fomos de carro até a cidade mais próxima para comprar suprimentos. Ali vi um edifício que me chamou a atenção. Pedi ao motorista que parasse. O edifício tinha belos jardins e uma cerca de ferro preta em volta. Na frente do edifício havia uma inscrição conhecida: “La Iglesia de Jesucristo de los Santos de los Últimos Días”, ou seja, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

“A Igreja está *aqui*?”, pensei. Fiquei admirado de ver que a Igreja tinha chegado àquela parte remota do mundo. Tirei uma foto da capela e enviei como

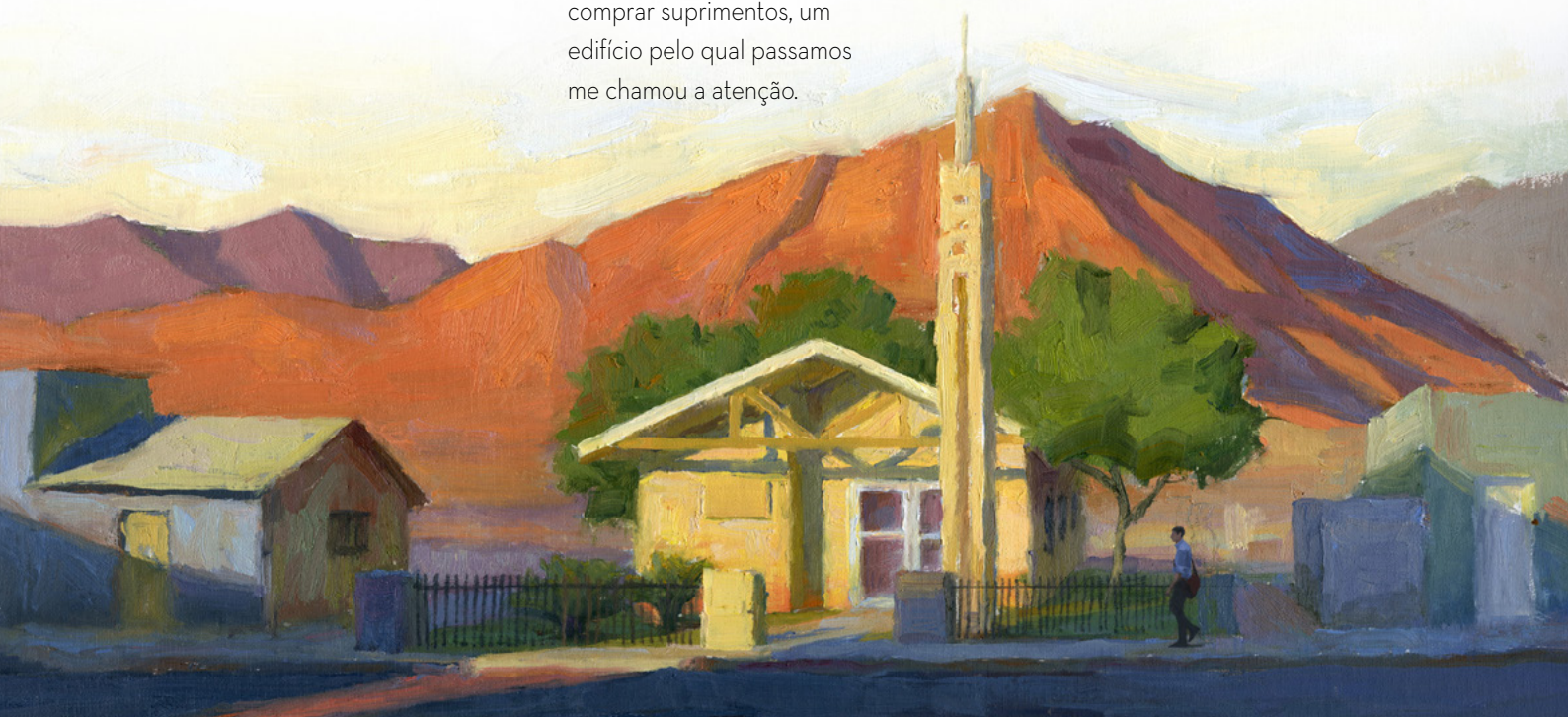
mensagem para minha esposa. A resposta dela teve um efeito profundo em mim: “O Pai Celestial está ciente de Seu povo em toda parte”.

Foi uma mensagem direta para mim proveniente do Pai Celestial. No estresse da vida cotidiana, eu tinha me esquecido, e precisava ser lembrado, de que o Pai Celestial ama todos os Seus filhos. Ele ama aqueles santos daquela pequena e remota cidade no meio do deserto e também me ama.

Naquela noite, ajoelhei-me para agradecer ao Pai Celestial pelas bênçãos que Ele me concedera naquele dia. O fato de saber que Ele me ama me ajudou a reconstruir minha espiritualidade e continua a me fortalecer a cada dia. ■

Jon Evans, Califórnia, EUA

Ao irmos de carro para a cidade mais próxima comprar suprimentos, um edifício pelo qual passamos me chamou a atenção.



DUAS MISSÕES, DUAS FAMÍLIAS ABENÇOADAS

Enquanto eu servia na Missão Arizona Mesa, com frequência recebia e-mails de minha irmã mais velha que estava na Argentina. Natalia não era membro da Igreja. Vários anos antes, quando a filha dela morreu, nossa família tentou compartilhar o evangelho com ela, mas ela nunca foi receptiva.

Continuei a compartilhar meu testemunho com ela em minha missão. Em um dos e-mails, contei a ela sobre uma mulher que meu companheiro e eu tínhamos conhecido. A filha dela também havia falecido. Testificamos sobre as famílias eternas, e ela sentiu esperança no que compartilhamos com ela. Eu disse à Natalia que ela poderia sentir o mesmo. Ela me escreveu de volta, dizendo que queria sentir essa esperança, mas achava que sua fé não era forte o suficiente.

Decidi enviar a Natalia uma carta escrita à mão convidando-a a orar pedindo ajuda para acreditar. Também me senti inspirado a escrever um parágrafo em inglês e endereçá-lo a um missionário. Natalia só sabia falar espanhol, por isso a orientei a procurar os missionários e pedir que traduzissem para ela. Imaginei que o missionário saberia falar inglês.

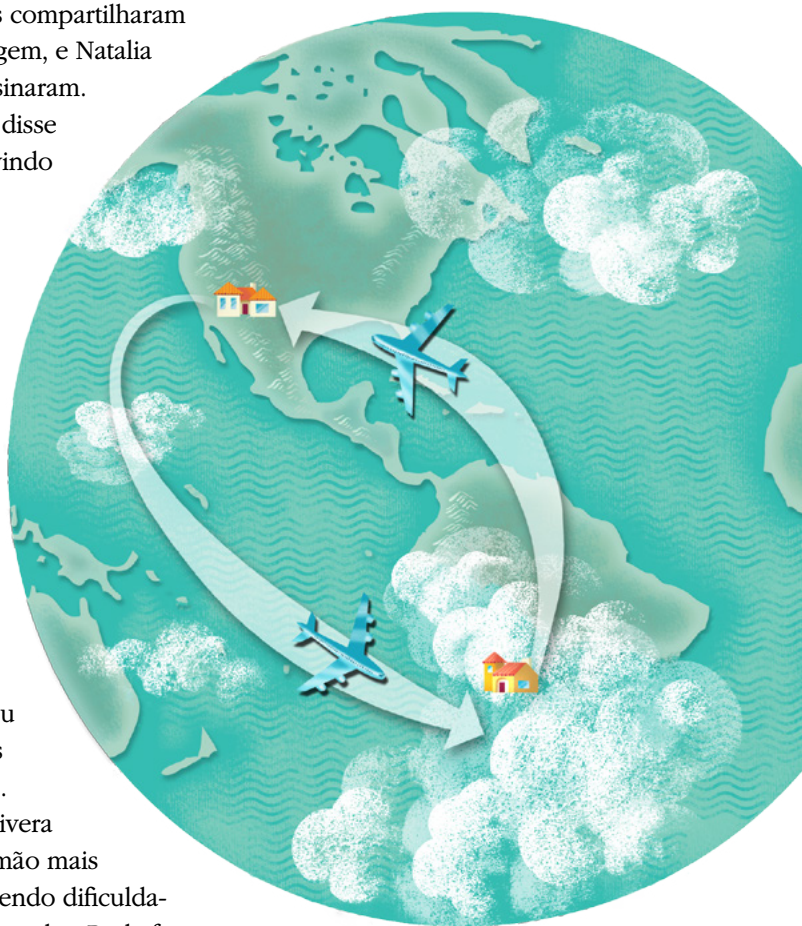
Pouco depois, recebi um e-mail de Natalia. Ela tinha encontrado os missionários e pedido que traduzissem minha carta. Eles a leram em silêncio e sorriram. Quando Natalia perguntou o que eu havia escrito, eles responderam: “Vamos conversar sobre isso!” Eu tinha escrito que Natalia

estava tendo dificuldades para lidar com a morte da filha e pedi aos missionários que lhe ensinassem o plano de salvação.

Os missionários compartilharam uma breve mensagem, e Natalia gostou do que ensinaram. Natalia então lhes disse que eu estava servindo missão em Mesa, Arizona, EUA. Um dos missionários, o élder Larson, disse que ele era dali.

Um ano depois, fui transferido para a área em que morava a família do élder Larson. Conheci a família dele assim como ele conheceu a minha, e as duas foram abençoadas. O élder Larson estivera orando por seu irmão mais novo, que estava tendo dificuldades com seu testemunho. Pude fazer divisões com o irmão dele e ajudá-lo a fortalecer seu testemunho. O élder Larson e o companheiro dele continuaram a ensinar Natalia e, por fim, ela foi batizada. Sei que o Senhor nos enviou em duas direções, eu para o Arizona, e o élder Larson para a Argentina, para que ambos pudéssemos ajudá-Lo a fortalecer nossa família no evangelho. ■

Juan Manuel Gomez, Rosario, Argentina



Sinto-me grato por ter sido designado para o Arizona e pelo élder Larson ter sido designado para a Argentina de modo que ambos pudéssemos ajudar o Senhor a abençoar nossa família.



A pesar de sentir um frio na barriga, fiquei firme e disse: “Frequento A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”.

ABENÇOADA POR DECLARAR MINHA FÉ

Fui batizada quando estava com 19 anos. Muitos dos meus familiares e amigos não aceitaram minha decisão de me filiar à Igreja, mas isso não me impediu de fazê-lo. Duas semanas depois, comecei meu segundo ano na faculdade. Quando voltei ao campus, estava nervosa em relação à minha nova religião.

Comecei a me preocupar, achando que não teria coragem de defendê-la. Senti-me sozinha. Não conhecia nenhum membro da Igreja na faculdade e não sabia onde encontrar uma capela, nem sequer se havia uma ala ou um ramo nas proximidades. Orei ao Pai Celestial pedindo coragem. Orei para ter confiança para defender minhas crenças recém-descobertas.

Poucos dias depois, ajudei algumas pessoas que estavam se mudando para

a vizinhança. Conheci um rapaz chamado Brian e fiz amizade com ele. Estávamos caminhando pelo campus, um dia, quando ele me perguntou quais eram meus planos para o domingo. Eu lhe disse que iria à Igreja.

“Ah, e que igreja você frequenta?”, perguntou ele.

Apesar de sentir um frio na barriga, fiquei firme e disse: “Frequento A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”.

Fiquei orgulhosa comigo mesma. Também estava um pouco nervosa para ver como Brian reagiria. Naquele exato momento, vi os missionários. Antes que Brian dissesse qualquer coisa, eu lhe disse que voltaria em um instante. Corri até os missionários. Eles ficaram contentes de me conhecer e me disseram tudo que eu precisava saber

para chegar à igreja no dia seguinte.

Voltei até onde Brian estava e expliquei o que havia acontecido. Também falei um pouco com ele sobre a Igreja, e continuamos a caminhar, só que agora eu me sentia muito mais animada. Também senti o calor e a paz que só o Espírito pode proporcionar. Eu estava preocupada por estar sozinha e não saber onde encontrar a igreja. Mas acredito que o fato de os missionários terem chegado àquele lugar, naquele exato momento, foi o modo pelo qual o Pai Celestial me abençoou por ter declarado minha fé.

Já se passaram mais de dez anos, e desde aquele dia nunca tive medo de dizer: “Sou membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias!” ■
Kristin McElderry, Massachusetts, EUA

A AJUDA DO SENHOR POR MEIO DE DUAS CIRURGIAS NO CÉREBRO

Durante a fisioterapia para dor nas costas, notei que o lado esquerdo do meu corpo estava fraco e adormecido. Quando expliquei esses sintomas para meu fisioterapeuta, ele ficou preocupado e me incentivou a procurar um médico.

Uma ressonância magnética mostrou que meu cérebro havia inchado por baixo do crânio e represado líquido cefalorraquidiano no pescoço por vários anos. Isso provocava dores severas e persistentes na cabeça e em outros lugares do corpo. A única opção era a cirurgia. Mas, apesar da operação, eu ainda sentia dores constantes.

Seis meses depois, voltei ao médico para novos exames e descobri que o líquido cefalorraquidiano represado tinha aumentado ainda mais. Fiquei aterrorizada com a perspectiva de fazer outra operação dolorosa. Meu marido

e eu procuramos a opinião de vários médicos e então ficamos com um que estava confiante de que a remoção de parte do meu cérebro ajudaria.

A recuperação de minha segunda cirurgia cerebral foi a experiência mais dolorosa da minha vida. Busquei desesperadamente o Espírito para me consolar. Eu ouvia discursos e hinos, orava continuamente e recebi muitas bênçãos do sacerdócio.

Ao longo de minha dolorosa recuperação, sei que o Pai Celestial ouviu minhas orações e a de outras pessoas em meu favor. Ele me enviou pessoas quando precisei delas. Uma enfermeira de minha ala me ajudou a aprender a tomar corretamente meus medicamentos. Minha tia e meu tio, notando sinais de desidratação, levaram-me ao hospital. E um menino da Primária, querendo ajudar nossa

família, deixava seus brinquedos junto à nossa porta, para meu filho. Por meio dessa experiência e de muitas outras, senti o Salvador me erguendo e meu testemunho se tornando mais forte a cada dia. Foi uma experiência extraordinária e sagrada, derivada de outra verdadeiramente dolorosa.

Embora minha segunda cirurgia tenha sido bem-sucedida, meu desconforto continuava, e tive que aprender a ajustar minha vida à dor crônica e confiar que o Pai Celestial tinha um propósito nisso. Mas tenho esperança em Sua promessa de que Ele continuará a me fortalecer em meus desafios, pois Ele disse: “Irei adiante de vós. Estarei à vossa direita e à vossa esquerda e meu Espírito estará em vosso coração e meus anjos ao vosso redor para vos sustentar” (D&C 84:88). ■
Bryn Booker, Idaho, EUA

Uma ressonância magnética mostrou que minha dor era causada pelo líquido cefalorraquidiano represado no pescoço. A única opção era a cirurgia.





Élder Michael
John U. Teh
Dos Setenta

○ equilíbrio

na perseverança

Conversei recentemente com meus filhos, minhas sobrinhas e um jovem amigo para ter uma noção de quais são as dúvidas, os desafios, as frustrações e também os triunfos com os quais os jovens adultos se deparam hoje em dia. Ponderei e orei sobre o que foi compartilhado comigo e resumi tudo nestes pontos que vou abordar agora, na esperança de que eles possam ajudar a responder a algumas dessas dúvidas e desafios.

Ouvir o Espírito Santo

Ao contrário de como às vezes alguns de vocês se sentem, declaro que nosso Pai Celestial realmente responde a nossas orações, à maneira Dele. Pondere estas escrituras:

“Porque todo aquele que pede, recebe; e o que busca, encontra; e ao que bate, será aberto” (3 Néfi 14:8).

“E se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos

dá liberalmente, sem repreensão, e ser-lhe-á dada” (Tiago 1:5).

“Eis que eu te falarei em tua mente e em teu coração, pelo Espírito Santo que virá sobre ti e que habitará em teu coração” (D&C 8:2).

Como, então, recebemos respostas e revelação? Como saber que é o Espírito Santo e não apenas nossos próprios pensamentos? Vou lhes contar duas experiências da minha vida que se tornaram padrões para mim.

Depois que minha mulher e eu namoramos por um tempo, ficou óbvio para mim que eu queria passar a eternidade com ela. Naturalmente, dediquei sincera oração e jejum a esse assunto. Não houve nenhuma mudança significativa em meus sentimentos depois disso. Não senti nenhum ardor no peito. No entanto, continuei a sentir-me bem a respeito de minha decisão, por isso perseverei. Minha mulher teve a mesma resposta, por isso cá estamos. Desde aquela

Testifico que podemos “desfrutar até o fim” se seguirmos os sussurros do Espírito Santo, escolhermos o bem e não o mal, e equilibrarmos nossas responsabilidades.

experiência, cheguei a muitas de minhas decisões de modo semelhante (ver D&C 6:22–23).

Comparem isso com as experiências que tenho agora referentes a designações específicas recebidas do Quórum dos Doze Apóstolos para o chamado de um novo presidente de estaca. Ao abordar as designações em



espírito de oração e jejum, fui abençoado com nítidas impressões que me ajudaram a saber quem deveria ser chamado. As impressões vieram às vezes antes, às vezes durante ou às vezes até depois do processo de realização das entrevistas. Sempre sinto um ardor no peito. Passei a reconhecer que esse é o modo pelo qual o Espírito Santo me guia nessas designações.

Por que a diferença na maneira pela qual o Espírito Santo Se comunica comigo? Não sei. O mais importante é que aprendi a reconhecer esses padrões como os meios pelos quais recebo revelação pessoal. Sinto consolo e confiança nesta admoestação: “Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e dará resposta a tuas orações” (D&C 112:10).

Escolher o bem, e não o mal

Algumas pessoas acham que está ficando cada vez mais difícil distinguir o certo do errado. Parece haver cada vez mais áreas cinzentas. Muitas das opiniões populares, porém incorretas, de nossos dias parecem fazer sentido quando vistas unicamente por uma lente estreita. Mas a imundície do passado envolta em nova embalagem e promovida por propagandas criativas continua sendo imundície.

Discernir o bem do mal não precisa ser algo complicado. Mesmo antes de recebermos o dom do Espírito Santo, somos abençoados com a Luz de Cristo.

“Pois eis que o Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que eles possam distinguir o bem do mal; portanto vos mostro o modo de julgar; pois tudo o que impele à prática do bem e persuade a crer em Cristo é enviado pelo poder e dom de Cristo; por conseguinte podeis saber, com um conhecimento perfeito, que é de Deus.

Mas tudo que persuade o homem a praticar o mal e a não crer em Cristo e a negá-lo e a não servir a Deus, podeis saber, com conhecimento perfeito, que é do diabo; porque é desta forma que o diabo age, pois não persuade quem quer que seja a fazer o bem; não, ninguém; tampouco o fazem seus anjos; nem o fazem os que a ele se sujeitam” (Morôni 7:16–17).

Um dos maiores testes de nossos dias é apoiar o profeta vivo. A maioria de nós dirá: “Ah, isso é fácil. Já faço isso. Nesse passei”.

Mas é impressionante ver como algumas pessoas que supostamente apoiam o profeta vivo reagem a algumas das opiniões populares de nossos dias. Ao enfrentar a pressão dos amigos, alguns de nós agem ou formam opiniões de modo a sugerir que não sabemos que há um profeta vivo.

Encontre o equilíbrio certo

Será que vocês têm tanto para fazer a ponto de sentirem que estão sendo puxados para várias direções ao mesmo tempo? Adivinhem só! Isso só vai piorar. Por isso, a pergunta: Como encontrar o equilíbrio certo?

Estabeleçam como guia a natureza eterna de nosso espírito e sua identidade como filhos de Deus. Concentrem sua energia nessa verdade e no que ela significa. Tudo o mais vai sair da sua vida ou entrar no devido eixo.¹ Duas escrituras podem servir como princípios orientadores:

“Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua retidão; e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (3 Néfi 13:33).

“Ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam.

Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mateus 6:20–21).

Acreditem ou não, já estive no lugar em que vocês se encontram hoje. Houve um momento em minha vida em que eu tinha um emprego de tempo integral, frequentava a escola à noite e tinha um segundo emprego de meio período depois da escola até bem cedo pela manhã — enquanto minha



mulher e eu estávamos criando nossa jovem família. Eu só tive algumas horas de sono em uns poucos dias da semana, por dois meses. Para completar, eu estava servindo no bispado da ala.

Foi uma das épocas mais produtivas de minha vida. Não creio que eu tenha utilizado as 24 horas do dia de modo mais eficiente do que naquele período.

O presidente Gordon B. Hinckley (1910–2008) nos lembrou de que temos uma responsabilidade para com nossa família, com nossos empregadores, com o Senhor e conosco mesmos.

Como fazemos para ter equilíbrio em relação a essas responsabilidades? O presidente Hinckley disse: “Não acho que seja difícil. Servi em muitos chamados nesta Igreja. Sou pai de cinco filhos, que eram jovens e estavam em fase de crescimento enquanto eu servia nesses diversos chamados. (...) Aproveitamos a vida. Fazíamos nossas noites familiares juntos e fazíamos o que a Igreja esperava que fizéssemos”.²

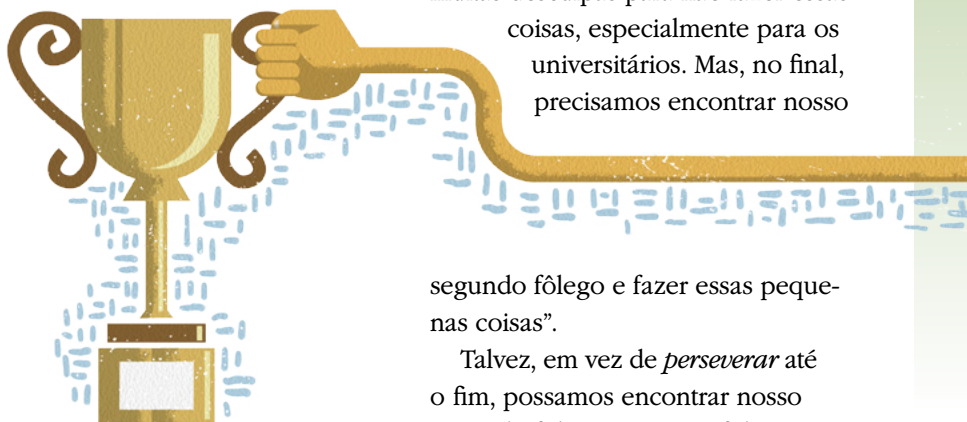
Desfrutar até o fim

A perseverança até o fim não é uma lista de verificação do evangelho que preenchemos e dizemos: “Estou bem. Agora tudo o que tenho de fazer é seguir sem parar e manter assim”. Em vez disso, trata-se de aprender e crescer continuamente. O evangelho de Jesus Cristo tem a ver com arrependimento constante e mudança — trata-se de uma escalada

morro acima, e não um passeio pelo parque.

O rei Benjamim disse: “Vede que todas estas coisas sejam feitas com sabedoria e ordem; porque não se exige que o homem corra mais rapidamente do que suas forças o permitam” (Mosias 4:27).

Alguns santos dos últimos dias adotam essa passagem para justificar sua falta de disposição de se esforçar



mais arduamente ou de dar o melhor de si. O problema é que se concentram apenas na primeira metade da passagem.

Aqui está a segunda metade: “É necessário que ele seja diligente, para que assim possa ganhar o galardão; portanto todas as coisas devem ser feitas em ordem”. As duas metades juntas esclarecem o que realmente significa fazer as coisas com sabedoria e ordem.

Um jovem atleta amigo meu me explicou o fenômeno chamado *segundo fôlego*, que é um sentimento de renovada energia que nos dá forças

para prosseguir mesmo quando estamos muito cansados.

No tocante a encontrar o segundo fôlego em outros aspectos de sua vida, meu amigo disse: “Quando somos estudantes universitários, pode ser realmente fácil voltar tarde da noite para casa e dar a desculpa de que estamos cansados demais para orar ou ler as escrituras ou mesmo ir ao templo com regularidade. Pode haver muitas desculpas para não fazer essas coisas, especialmente para os universitários. Mas, no final, precisamos encontrar nosso

segundo fôlego e fazer essas pequenas coisas”.

Talvez, em vez de *perseverar* até o fim, possamos encontrar nosso segundo fôlego — nosso fôlego espiritual — e *desfrutar* até o fim. Testifico que podemos fazê-lo à medida que seguirmos os sussurros do Espírito Santo, escolhermos o bem, e não o mal, e equilibrarmos nossas responsabilidades. ■

Extraído de um discurso intitulado “These Are Your Days” [Estes são os seus dias], proferido na Universidade Brigham Young–Idaho, em 9 de junho de 2015. Para o discurso completo em inglês, acesse o site web.byui.edu/devotionalsandspeeches.

NOTAS

1. Ver Ezra Taft Benson, “O grande mandamento — Amar o Senhor”, *A Liahona*, julho de 1988, p. 3.
2. *Ensinamentos de Gordon B. Hinckley*, 1997, p. 104.

Ser honesta comigo mesma — E com Deus

Faith Sutherlin Blackhurst

No meio de minha missão, minha companheira e eu estávamos tendo dificuldade para trabalhar bem com nosso líder da missão da ala. Houve vários desentendimentos, por isso decidimos conversar com o bispo para ver o que deveríamos fazer. Bem no fundo, eu esperava que o bispo simplesmente conversasse com ele e resolvesse nosso problema.

Mas, em vez disso, o bispo me disse que eu estava sendo orgulhosa e criticando demais as pessoas. Fui para casa contrariada, sentindo-me incompreendida e frustrada — como ele pudera dizer aquilo para mim? Será que ele sequer se importava com nossas dificuldades para compartilhar o evangelho?

Ao caminharmos, desabafei meus sentimentos com minha companheira. Mas, de repente, uma frase me veio à mente: “Os culpados consideram (...) a verdade dura” (1 Néfi 16:2). Isso me fez parar para pensar. Era óbvio que aquele pensamento tinha vindo do Espírito. Meu orgulho podia me

impedir de aceitar a repreensão do bispo como verdadeira — mas será que eu conseguiria realmente discutir com o Espírito Santo?

Eu era culpada, e Deus estava me mostrando isso.

Eliminar a tentativa de nos justificar

Naquela época, era muito tentador ignorar as coisas que eu fazia de errado. “Ninguém gosta de admitir quando está se desviando do curso correto”, concorda o élder Dieter F. Uchtdorf, do Quórum dos Doze Apóstolos. “Consequentemente, quando paramos para examinar nossa vida, tendemos a vê-la através do filtro do favoritismo, das desculpas e das histórias que contamos a nós mesmos para justificar ações e pensamentos indignos.”¹

Em meu caso, eu tinha me convencido de que estava reclamando pelo bem do trabalho missionário de nossa área. E em vez de aceitar o serviço fiel de nosso líder da missão da ala — por mais imperfeito que me parecesse —,

Meu orgulho me impedia de aceitar a repreensão do bispo como verdadeira — mas será que eu conseguiria realmente discutir com o Espírito Santo?

de repente vi que estava sendo ingrata, impaciente e, francamente, rude. Graças aos sussurros do Espírito, pude ver minhas ações como realmente eram.

Uma verificação da realidade espiritual

Foi doloroso receber uma repreensão assim do Espírito, mas de modo positivo. Isso me fez perceber que eu tinha que ser honesta comigo mesma a respeito das minhas falhas.



minhas fraquezas com humildade, Deus pode ajudar a transformá-las em força, por meio de Sua graça (ver Êter 12:27; 1 Pedro 5:5).

Afinal de contas, o reconhecimento honesto de nossas fraquezas — ou nos ver como realmente somos — é o primeiro passo no caminho para uma mudança positiva. À medida que eu continuar a ser honesta e a buscar a orientação do Espírito, meu Pai Celestial vai me ajudar a saber o que preciso mudar na minha vida. E se eu confiar em Jesus Cristo, em Sua Expiação e em Seu poder refinador, verei melhoras em mim mesma.

Embora fosse desagradável admitir meus erros naquele momento de repreensão, sei que, quando decido ser humilde e honesta comigo mesma e com Deus, sinto-me mais feliz e mais tolerante comigo mesma. Sei que, a despeito de minhas falhas, tenho valor divino para meu Pai Celestial — mas Ele ainda assim quer que eu melhore. Por meio do poder de Seu Filho Jesus Cristo e pelo arrependimento sincero, posso me tornar bem melhor do que jamais sonhei que poderia ser. ■

A autora mora em Utah, EUA.

NOTAS

1. Dieter F. Uchtdorf, “Porventura sou eu, Senhor?”, *A Liahona*, novembro de 2014, p. 58.
2. Larry R. Lawrence, “Que me falta ainda?”, *A Liahona*, novembro de 2015, p. 35.
3. Dieter F. Uchtdorf, “Porventura sou eu, Senhor?”, p. 58.

Eu sabia por experiência própria que o Espírito pode ser meu maior aliado no processo. Senti que o élder Larry R. Lawrence, dos Setenta, falava diretamente para mim quando ele convidou os membros da Igreja a “[fazer] a seguinte pergunta ao Senhor, humildemente: ‘O que está me impedindo de progredir?’ (...) Se forem sinceros”, disse ele, “a resposta logo se tornará clara. Será uma revelação específica para você”.² Eu sabia que

eu tinha capacidade não apenas de receber inspiração sobre minhas fraquezas, mas também de melhorá-las.

Da fraqueza para a força

Minha experiência me ensinou que, “se [minhas] fraquezas e ineficiências continuarem ocultas nas sombras, o poder redentor do Salvador não poderá curá-las e transformá-las em forças”.³

Contudo, se eu for corajosa o suficiente para ser vulnerável e admitir

SERÁ QUE A SOCIEDADE DE SOCORRO VAI SER ENTEDIANTE?

Eu estava muito nervosa em relação a ir para a Sociedade de Socorro, mas, graças ao modo como fui recebida, aprendi a adorá-la.

Charlotte Larcabal

Revistas da Igreja

Quando fiz 18 anos de idade, fiquei felicíssima. Que adolescente não ficaria? Claro, eu ainda estava no Ensino Médio, ainda tinha espinhas e ainda tinha tarefas domésticas a cumprir em nossa casa, na Califórnia, EUA, mas era uma adulta. Estava entrando numa fase toda nova da vida e estava entusiasmada com isso. O que não me deixava muito animada era a ideia de ficar com todas as “senhoras idosas” na Sociedade de Socorro. Elas tinham filhos, empregos e panelas elétricas e é bem provável que gostassem de assar tortas calçando pantufas. Eu tinha lições de casa, competições de natação, usava esmalte de unhas azul e gostava de adiar a arrumação do meu quarto o máximo possível. Como seria possível eu me identificar com qualquer pessoa ali? Eu tinha certeza que seria estranho, solitário e entediante. E então fui para lá.

Primeiro de tudo, a Sociedade de Socorro não era de modo algum entediante. Havia um monte de sorrisos e risadas. Elas faziam comentários interessantes e sinceros, mas não tinham medo de rir. Em segundo lugar, não eram tão diferentes de mim. Certo, eram mais velhas do que eu, mas faziam brincadeiras umas com as outras, do mesmo modo que minhas amigas e eu fazíamos. Mais de uma vez, alguém fez

exatamente a pergunta que eu estava pensando em fazer. E quando anunciaram a reunião de aprimoramento daquela semana, fiquei chocada. Elas iam aprender técnicas de defesa pessoal! Era o que eu queria fazer!

Fiquei bastante tensa quando a irmã Larsen, a presidente da Sociedade de Socorro, pediu que eu ficasse de pé e me apresentasse, mas isso também não foi ruim. Todas estavam sorrindo para mim. A irmã Edwards, minha professora do seminário do segundo ano, ergueu os polegares para mim, e a irmã Richards, que se lembrava de mim da Primária, disse que não acreditava que eu já estivesse “toda crescida”. E elas me trataram como se eu fosse “toda crescida”. Senti-me como uma criancinha brincando de me fantasiar, mas, para a maioria das mulheres, naquele dia, eu era uma nova irmã.

Desde esse dia, tenho adorado a Sociedade de Socorro, não importando em que ala eu esteja. Assim que entro na sala da Sociedade de Socorro, percebo um vínculo fraterno e sinto que pertenço àquele grupo. Adoro dar o melhor de mim para inspirar minhas irmãs da Sociedade de Socorro e aprender tudo o que posso delas.

E acabei percebendo que tenho muito em comum com todas elas. ■





“Precisamos amar-nos mutuamente, cuidar umas das outras, consolar umas às outras e adquirir instrução, para que possamos todas viver no céu juntas.”

— Lucy Mack Smith, mãe do profeta Joseph Smith (em *Filhas em Meu Reino: A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro*, 2011, p. 26).

O QUE É EXATAMENTE A SOCIEDADE DE SOCORRO?

A Sociedade de Socorro foi fundada pelo profeta Joseph Smith em 17 de março de 1842, em Nauvoo, Illinois. A organização tinha dois propósitos principais: prover alívio para os pobres e necessitados e conduzir as pessoas a Cristo. A Sociedade de Socorro continua sendo hoje uma das maiores organizações de mulheres do mundo. As irmãs se reúnem aos domingos e em outras ocasiões, conforme necessário.

O QUE ESPERAR NA SOCIEDADE DE SOCORRO?

- Um grupo de mulheres que vão amá-la e apoiá-la.
- A oportunidade de amar e servir outras mulheres como professora visitante.
- Aulas dominicais e outras reuniões que vão ajudá-la em sua vida pessoal e lhe proporcionar oportunidades de servir e desenvolver seu papel como mulher, filha, irmã, tia e/ou mãe.

MEU PRIMEIRO DIA

NO QUÓRUM DE ÉLDERES

Eu era um élder jovem e novinho. O que eu tinha a oferecer para o quórum de élderes? Na verdade, muita coisa!



“Este é um dever que todo santo deve oferecer a seus irmãos liberalmente: amá-los e socorrê-los sempre. (...) Precisamos visitar os órfãos e a viúva em suas aflições.”

— Joseph Smith (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith, 2007, p. 448*).

Dallin Luedtke

Eu não estava exatamente nervoso por entrar no quórum de élderes porque achava que sabia o que esperar. Também conhecia quase todos do quórum de élderes da minha ala. Eram amigos de meu pai e homens que eu já tinha respeitado como orientadores. Sabia que eles ficavam felizes em me ajudar a entender as coisas, por isso não foi uma experiência traumatizante entrar para o quórum de élderes.

O que foi um pouco traumatizante foi participar das aulas. A princípio era difícil achar que poderia oferecer alguma coisa a homens que tinham muito mais experiência de vida e muitíssimo mais sabedoria que eu.

Era diferente, porém, o mesmo

O quórum de élderes é definitivamente diferente do quórum de sacerdotes. Em vez de um grupo de rapazes da sua idade, de repente, eu estava no meio de adultos. Nas primeiras vezes que fui, não disse absolutamente nada. Fiquei preocupado achando que eu era jovem demais e não sabia o suficiente para contribuir com algo.

Mas, quanto mais eu ia, mais confiante fui ficando e percebi cada vez mais que, apesar da idade, todos podem dar sua contribuição. Todos têm experiências diferentes com o evangelho e todos têm níveis diferentes de entendimento de diferentes princípios.

Eu tinha algo a compartilhar

Uma vez, estávamos falando da Expição do Salvador, e levantei a

mão. Disse simplesmente que, graças a Sua Expição, Jesus Cristo não apenas nos libertou, mas também pode ajudar a nos aproximar mais Dele e de Deus. Falei do meu relacionamento com o Pai Celestial e Jesus Cristo e como ele se fortaleceu à medida que meu entendimento da Expição aumentou. Depois da aula, um homem veio falar comigo e me agradeceu por meus comentários. Disse que nunca tinha pensado nas coisas daquela maneira que eu explicara a eles e que ficara muito grato por meu ponto de vista.

O ensino familiar é ótimo!

No quórum de élderes, não apenas aprendemos com um professor. Também aprendemos com o Espírito e com todos os outros do quórum. Toda essa perspectiva nos ajuda a adquirir mais entendimento das coisas que nos são ensinadas. E isso nos ajuda a ser melhores servos do Senhor. Por exemplo, desde que me tornei élder, comecei a gostar muito mais do ensino familiar! Acho que levo as coisas um pouco mais a sério, porque sei que, quando eu for missionário, daqui a alguns meses, vou visitar as pessoas e compartilhar mensagens do evangelho com elas, assim como faço no ensino familiar. Em vez de apenas ficar ali sentado, deixando que meu companheiro ensine tudo, comecei a me preparar para nossas visitas. Faço questão de me expressar. Sei que é uma boa preparação para a missão, mas isso também fez com que o ensino familiar se tornasse mais

O QUE ESPERAR DO QUÓRUM DE ÉLDERES

- Aulas dominicais nas quais os membros do quórum compartilham pontos de vista e perspectivas que vão fortalecer seu testemunho de Jesus Cristo e Seu evangelho e vão ajudar a prepará-lo para seus futuros papéis de marido, pai e líder do sacerdócio.
- As oportunidades para prestar serviço no sacerdócio vão abençoar sua vida e fortalecer os laços entre você e os outros membros do quórum.
- Você fará parte de um quórum no qual terá apoio ao aprender suas novas responsabilidades como portador do Sacerdócio de Melquisedeque.

significativo para mim. Agora tenho maior apreço pelas pessoas da minha ala e pelas pessoas que visito.

Se eu consigo, você também consegue

Você não precisa se intimidar com o quórum de élderes, mas pode realmente esperar adquirir mais sabedoria sobre os tópicos que está aprendendo. Pode esperar se tornar melhor como professor, líder e servo do Senhor. E isso é ótimo! ■

O autor mora na Califórnia, EUA.

Auxílio extra

Allie Arnell

Desci em meu próprio ritmo. À profundidade de 1,5 metro, senti uma corrente me arrastar. Estava então a três metros. De repente, ficou escuro. Senti minha respiração ficar mais curta. Aquele oceano congelante e escuro era bem diferente da piscina na qual eu havia praticado. Temerosa e claustrofóbica, subi rapidamente para a superfície.

“O que aconteceu?”, perguntou-me o instrutor assistente. Meus olhos se encheram de lágrimas por dentro da máscara. Eu estava no meio de meu exame de certificação de mergulho, realizando uma descida de nove metros, uma das habilidades necessárias para ser aprovada. O assistente viu meu pânico e me assegurou que eu ficaria bem. Ele estava me encorajando, e não pressionando. A certo ponto, ele me disse: “Você não precisa fazer isso”. Foi então que me dei conta de que eu queria fazer aquilo.

Percebi que, embora fosse difícil para mim, eu queria realizar aquilo. Desejava ganhar minha certificação. Então, dominei meus temores e completei as habilidades restantes com a classe para passar no exame. Foi difícil, mas, com incentivo, consegui fazê-lo.

Meses depois, quando eu estava servindo como missionária no Peru,

lembrei-me de minha difícil experiência de mergulho ao convidar as pessoas a fortalecer sua fé e mudar de vida. Uma família que minha companheira e eu gostávamos muito de visitar era a família Rumay. Carina e Enrique e suas duas filhas adolescentes, Karen e Nicole, recebiam-nos com frequência e rapidamente conquistaram nosso coração. Não demorou muito para que Carina, Karen e Nicole aceitassem o evangelho e se filiassem à Igreja.

Enrique, porém, precisava de um auxílio extra. Nossa mensagem diferia das coisas às quais ele havia sido

exposto em sua formação, por isso levou um tempo para conquistarmos sua confiança. Enrique tinha várias preocupações. O principal aspecto do evangelho que o perturbava era o Livro de Mórmon. Ele nunca tinha ouvido falar daquele livro e foi difícil para ele lê-lo e entendê-lo. Esse desconhecimento fez Enrique se sentir inseguro.

Naquele ponto, Enrique era como eu, quando nadei de volta para a superfície: todos os outros pareciam estar descendo com facilidade, mas eu estava paralisada de medo. Também



Em sua missão, você pode encontrar pesquisadores que precisem de alguém a seu lado que esteja disposto a mergulhar no processo com eles.

como eu, tudo que Enrique precisava para ser bem-sucedido era de um auxílio extra.

Essa ajuda lhe veio de várias formas. Ele tinha as missionárias para ajudá-lo a lidar com suas preocupações e sentir o Espírito. Também tinha os membros da ala que o integraram e lhe ensinaram a respeito de seu papel como pai. A maior ajuda de todas, porém, foi a própria família de Enrique.

Mesmo antes de seu batismo, a família Rumay tinha o hábito de orar em família e estudar as escrituras. Conseguiram um conjunto de escrituras para Enrique, com letras maiores, e uma versão em áudio para que ele conseguisse estudar o Livro de Mórmon com mais facilidade. Essas coisas simples ajudaram imensamente Enrique. Em momento algum, as pessoas o pressionaram. Simplesmente o apoiaram. Por meio de suas ações, elas lhe diziam: “Sabemos que você é capaz”.

Essa ajuda permitiu que Enrique descobrisse por si mesmo o poder do Livro de Mórmon. Um dia, ele anunciou que tinha ouvido o livro inteiro e que sabia que era a palavra de Deus. Uns quatro meses após o batismo da esposa e das filhas, Enrique deu o mesmo passo e foi batizado também.

Enrique diz que se sente grato pela ajuda e paciência que recebeu, as quais lhe permitiram chegar aonde

está hoje. Como missionária, senti-me abençoada por ter testemunhado o exemplo de amor daquela família ao ajudarem seu marido e pai a vencer suas dúvidas. Também me sinto grata por ter tido minha difícil experiência de mergulho, que me permitiu identificar-me de certo modo com o que Enrique sentiu e como outros pesquisadores podem se sentir durante o processo de conversão.

Ao convidar as pessoas para se arrependem e mudarem em sua missão, lembre-se de que às vezes tudo

de que as pessoas precisam para ser bem-sucedidas é um pouco de incentivo a mais. Pode ser que precisem de alguém de confiança e experiente ao lado delas, dizendo: “Vai dar tudo certo. Sei que você consegue! Realmente acredito em você”. Elas podem estar esperando que você seja essa pessoa que está disposta a mergulhar no processo com elas, ajudando-as a dominar novos hábitos e habilidades, e a ganhar sua certificação, que no final é a aprovação do Senhor. ■

A autora mora no Iowa, EUA.





TOCADO PELAS PALAVRAS DE UM PROFETA VIVO

QUANDO EU TINHA 15 ANOS, vi dois missionários em frente a um supermercado. Um deles me convidou a ir à igreja. Eu não estava muito interessado, por isso disse a eles: “Um dia talvez”, e me afastei.

No dia seguinte, minha tia ligou e pediu à minha mãe que fosse à casa dela ouvir uma mensagem especial. Minha mãe e eu corremos até lá e vimos os mesmos missionários que eu tinha encontrado um dia antes, ali sentados na casa da minha tia! Minha mãe ficou interessada na mensagem deles, e comecei a ouvir também. Contudo, quando os missionários me perguntaram se eu acreditava num profeta vivo, respondi resolutamente que não. Um dos élderes mostrou uma fotografia de Thomas S. Monson e prestou testemunho de que o presidente Monson era um profeta. Convidaram-me para assistir à conferência geral no dia seguinte para decidir por mim mesmo. Curioso, concordei em ir.

No dia seguinte, chegamos à capela no momento em que a primeira oração estava terminando. Ao entrar na sala, vi o presidente Monson aparecer na tela. Ele sorriu e disse: “Meus queridos irmãos e irmãs, eu os cumprimento...”

Assim que o presidente Monson abriu a boca, veio-me um forte sentimento confirmando que ele era um profeta de Deus. No final da conferência, eu disse aos missionários: “Quero ser batizado”. Desde essa época, eu mesmo servi missão e ensinei a muitas outras pessoas as maravilhosas verdades do evangelho restaurado.

Sei que Deus nos abençoou chamando profetas novamente. Deus nos ama e fala a nós por intermédio de profetas modernos. ■

Maicon B., São Paulo, Brasil

Como podemos apoiar os profetas e apóstolos?

1. Ore para adquirir um testemunho de que Deus os chamou como Seus profetas para ensinar o mundo (ver Jeremias 1:5, 7).
2. Ame-os e ore por eles.
3. Apoie-os mesmo quando isso não for popular.
4. Estude seus ensinamentos e seus exemplos.
5. Siga-os. Creia no que dizem e se esforce para fazer o que eles ensinam (ver D&C 21:4-6).

NÃO TENHO VERGONHA

QUANDO EU ESTAVA FREQUENTANDO UM INTERNATO, morava num albergue com outras alunas. Eu me esforçava ao máximo para viver os princípios do evangelho, orando e estudando as escrituras com frequência.

Certo dia, uma colega de classe me viu estudando o Livro de Mórmon na cama. Ela começou iradamente a alistar todas as razões pelas quais achava que minha igreja era falsa. Depois, contou a todas no albergue a respeito das minhas “estranhas” crenças. Algumas colegas começaram a zombar de mim e de minha religião. Outras apenas passaram a me evitar. Por fim, escondi meu Livro de Mórmon numa caixa de roupas e passei a estudar somente a Bíblia para que minhas colegas de classe parassem de me incomodar.

Continuei estudando a Bíblia até chegar em Romanos 1:16, que declara: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação a todo aquele que crê”. Percebi que, ao esconder o Livro de Mórmon, eu estava mostrando a minhas colegas de classe que eu tinha vergonha de minhas crenças. Peguei de volta meu Livro de Mórmon e pedi perdão ao Pai Celestial. Depois, fui falar com minhas colegas e prestei testemunho do evangelho restaurado. A maioria parou de me insultar e voltamos a ser amigas.

Sei que Deus entende as provações por que passamos. Quando defendemos nossas crenças e mostramos que “não [nos envergonhamos] do evangelho de Cristo”, Ele nos provê Seu poder, Sua proteção e Sua orientação. ■

Pamela O., Abuja, Nigéria



SERVIDOR POR MEIO DE SINAIS

QUANDO EU TINHA 6 MESES DE IDADE, meu primeiro sinal foi “leite” e, várias semanas depois, eu disse verbalmente “panda”. Consigo ouvir, mas meu primeiro idioma foi a linguagem americana de sinais. Minha mãe tinha servido missão na linguagem americana de sinais e continuou a estudá-la na escola, e ela queria que eu a conhecesse também.

A linguagem de sinais tem sido uma bênção incrível em minha vida. Permitiu-me que eu visse e aprendesse muito mais do que teria aprendido sem ela. Ela une as pessoas. Adoro poder ensinar às pessoas o que sei por meio do ensino individual e de apresentações na escola e na igreja. Também é muito bom ver a conferência geral e outros vídeos da Igreja na linguagem de sinais com minha mãe.

O fato de ter a linguagem de sinais em minha vida tem sido um incrível edificador de testemunhos. Sou capaz de conhecer mais filhos de Deus do que me seria possível sem ela, e também é uma excelente ferramenta para o serviço ao próximo. Sinto-me grato por essa bênção em minha vida e pelas pessoas incríveis que pude conhecer e com quem pude aprender muitas coisas. ■

Israel H., Oregon, EUA



PÁGINA APÓS PÁGINA DIZ QUE CREMOS

Quando meu colega de classe disse que os mórmons não acreditavam em Cristo, decidi ler o Livro de Mórmon de um modo totalmente diferente.

Richard M. Romney

Revistas da Igreja

“**O**s mórmons não são cristãos.” A afirmação de um de meus colegas de escola do Ensino Médio me pegou desprevenido.

“É claro que somos”, rebati.

“Então, por que vocês leem o Livro de Mórmon?”, retrucou ele ao se afastar, não me dando chance de responder.

Pensei muito nessa pergunta. A resposta, evidentemente, é que os mórmons *são* cristãos e que o Livro de Mórmon *é* outro testamento de Jesus Cristo. Nós o lemos com a Bíblia para aprender ainda mais sobre o Salvador.

Eu já tinha lido o Livro de Mórmon antes. Sabia que era verdadeiro. Mas, devido à pergunta do meu colega de classe, senti-me inspirado a estudá-lo de uma nova maneira, procurando anotar com que frequência ele menciona Jesus Cristo. Ao fazer isso, fiquei admirado.

Eu mal tinha começado a ler o livro quando vi na página de rosto

que o Livro de Mórmon foi escrito para convencer os leitores de que “Jesus é o Cristo, o Deus eterno, que Se manifesta a todas as nações”.

Na introdução do Livro de Mórmon, li: “O acontecimento de maior relevância registrado no Livro de Mórmon é o ministério pessoal do Senhor Jesus

Cristo entre os nefitas, logo após a Sua ressurreição”. Dizia que aqueles que adquirirem um testemunho do Espírito Santo de que o registro é verdadeiro “saberão, pelo mesmo poder, que Jesus Cristo é o Salvador do mundo”.

Abri no “Depoimento de Três Testemunhas”, que diziam que um anjo lhes



SUA PRÓPRIA PESQUISA

Ao estudar o Livro de Mórmon, é fácil aprender a respeito de Jesus Cristo. Você pode fazer anotações à medida que lê ou usar auxílios de estudo como o Guia para Estudo das Escrituras, que relaciona muitas referências que o Livro de Mórmon faz de Jesus Cristo. O Livro de Mórmon é verdadeiramente outro testamento de Jesus Cristo.



havia mostrado as placas das quais o Livro de Mórmon fora traduzido, e que “sabemos que é pela graça de Deus, o Pai, e de nosso Senhor Jesus Cristo que vimos e testificamos que estas coisas são verdadeiras”.

Em seguida, “O Testemunho do Profeta Joseph Smith” contava a respeito da visita do anjo Morôni, que disse que o Livro de Mórmon contém a plenitude do evangelho eterno, “tal como fora entregue pelo Salvador aos antigos habitantes” da América.

Eu nem tinha chegado a 1 Néfi e já tinha encontrado muitas referências!

Minha pesquisa continuou. Em 1 Néfi, descobri que Leí sabia da vinda do Messias (ver 1 Néfi 1:19). Li suas profecias sobre o Redentor, “que iria tirar os pecados do mundo” (1 Néfi 10:10; ver versículos 4–10). Li a descrição que Néfi fez do nascimento de Jesus Cristo, Seu ministério, Sua morte, Ressurreição e futura visita à América antiga (ver 1 Néfi 10–12).

Li profecias de que o Livro de Mórmon confirmaria as verdades

da Bíblia de que “o Cordeiro de Deus é o Filho do Pai Eterno e o Salvador do mundo; e que todos os homens devem vir a ele” (1 Néfi 13:40). E li o testemunho de Néfi de que “todas as nações, tribos, línguas e povos habitarão em segurança no Santo de Israel, caso se arrependam” (1 Néfi 22:28).

Após um dia, eu estava na página 53. Tinha acabado de ler apenas *um* dos livros do Livro de Mórmon, mas que testemunho poderoso já havia recebido!

Nas semanas que se seguiram, encontrei página após página de testemunhos de Jesus Cristo, visões nas quais Ele apareceu a profetas e a descrição detalhada de Seu ministério entre os antigos americanos. Concluí minha leitura com o poderoso testemunho de Morôni a respeito de Jesus Cristo (ver Morôni 9); seu convite

de que “[perguntemos] a Deus, o Pai Eterno, *em nome de Cristo*, se [o Livro de Mórmon é verdadeiro]” (Morôni 10:4; grifo do autor); e na última página, seu terno e forte convite de “vir a Cristo” (ver Morôni 10:30, 32).

Descobri que o Livro de Mórmon refutava completamente a afirmação de meu colega de classe. Se um cristão é alguém que acredita em Jesus Cristo, então página após página do Livro de Mórmon declara: “Nós cremos!”

Por fim, vi meu amigo de novo. Contei-lhe minha experiência e o convidei a ler o Livro de Mórmon. Ele educadamente se recusou, mas disse estar feliz por eu ter aceitado Jesus Cristo como meu Salvador. Depois de nossa conversa, acho que ele entendeu melhor o que eu quis dizer quando respondi: “É claro que somos cristãos”. ■

“Eu me comparo constantemente com os outros, sobretudo com aqueles que parecem ter uma vida perfeita. Como faço para me sentir mais confiante?”

“Gastamos demasiado tempo e energia comparando-nos aos outros. (...) Isso nos leva a criar, para nós mesmos, expectativas que são impossíveis de cumprir.

(...) Ele quer que nos tornemos perfeitos e, se permanecermos no caminho do discipulado, um dia seremos. Tudo bem que ainda não tenham alcançado esse objetivo. Continuem trabalhando nisso, mas parem de punir-se a si mesmas.”

Élder Dieter F. Uchtdorf, do Quórum dos Doze Apóstolos, “Não te esqueças de mim”, Conferência Geral de Outubro de 2011.



Ore para saber seus dons

Você tem muitos talentos e dons espirituais que o Pai Celestial lhe concedeu pessoalmente. Há manei-

ras pelas quais só você pode abençoar a vida das pessoas. Esse é o plano do Pai Celestial. Ore para saber quais dons lhe foram concedidos e, se precisar de mais orientação, pergunte às pessoas que estão próximas de você. Ao ouvir o Espírito e se esforçar para descobrir e desenvolver seus talentos e suas qualidades divinas, você pode adquirir uma confiança em si mesmo que jamais teve antes.

Amy P., 17 anos, Kentucky, EUA



Procure conhecê-los melhor

Sempre que me vejo me comparando com outra pessoa, procuro conhecê-la um pouco

melhor. Quando passo a conhecer melhor meu “ídolo”, a realidade mostra duramente que todo ser humano da face da Terra enfrenta provações na vida. Quanto mais converso com a pessoa, mais começo a vê-la como um amigo, e não como alguém aparentemente sem defeitos.

Amelia C., 15 anos, Idaho, EUA



Só a opinião do Pai Celestial importa

Em seu discurso da conferência de outubro de 2016, “Sou bom o suficiente? Vou conseguir?”, o élder J. Devn Cornish, dos Setenta, disse: “A única opinião a nosso

respeito que importa é a que o Pai Celestial tem de nós. Perguntem-Lhe sinceramente o que Ele pensa a respeito de vocês. Ele vai demonstrar amor e vai nos corrigir, mas jamais vai nos desencorajar”. Quando penso que nunca serei tão boa quanto as pessoas a meu redor, volto-me para meu Pai Celestial e procuro lembrar que sou filha de um Deus amoroso que está disposto a me ajudar a atingir meu pleno potencial e a ser quem Ele sabe que posso ser se eu O buscar.

Amanda M., 19 anos, Paraná, Brasil

Ore para pedir confiança

Eu costumava me comparar com os outros que eu achava que estavam bem adiante de mim, sobretudo as pessoas que eram financeiramente mais estáveis. Sempre que orei ao Pai Celestial, Ele me deu confiança em mim mesmo. Eu sabia que, por maior que fosse o desafio, Deus me ajudaria, porque Ele não nos dá um dever sem preparar um meio para o cumprirmos (ver 1 Néfi 3:7; 17:3).

Joshua O., 19 anos, Lagos, Nigéria

As respostas são auxílios e pontos de vista, não pronunciamentos doutrinários oficiais da Igreja.



O que é o dom do discernimento?

As escrituras mencionam “discernir os espíritos” como um dom do Espírito (1 Coríntios 12:10; D&C 46:23). Significa “entender ou conhecer alguma coisa pelo poder do Espírito. (...) Inclui percepção do verdadeiro caráter das pessoas e da origem e significado das manifestações espirituais” (Guia para Estudo das Escrituras, “Discernimento, Dom de”, scriptures.LDS.org).

O élder David A. Bednar, do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou que o dom do discernimento pode nos ajudar a (1) “detectar o erro e o mal ocultos nas pessoas”, (2) “detectar erros e males ocultos em nós mesmos”, (3) “descobrir e revelar o bem que pode estar oculto nas pessoas” e (4) “descobrir e revelar o bem que pode estar oculto em nós mesmos” (“Percepção rápida”, *A Liahona*, dezembro de 2006, p. 19).

O que você acha?

“Como posso impedir que meus dispositivos eletrônicos me distraiam, principalmente na Igreja e no seminário?”

Envie sua resposta e, se desejar, uma fotografia de alta resolução até 15 de julho de 2018, para liahona.LDS.org (clique em “Enviar um artigo”).

As respostas podem ser editadas por motivo de espaço ou clareza.

DESCOBRIR SEUS

Justina Lichner

Parece que todo mundo sempre diz: “Se você soubesse como você é especial”. Bem, a verdade é que às vezes simplesmente não sabemos o quanto somos especiais. Quando não nos sentimos a pessoa mais inteligente, mais gentil, mais bonita, mais engraçada ou a mais talentosa, nossa autoconfiança parece desaparecer.

Mas pense nisto: somos todos filhos e filhas do Pai Celestial. Por isso, Ele nos deu dons e talentos para nos ajudar a cumprir nosso potencial divino. À medida que descobrimos esses dons, somos lembrados de nosso valor divino como Seus filhos, conseguimos nos aproximar Dele e ajudar outras pessoas a fazerem o mesmo.

agir. Esta escritura, por exemplo: “Cessai de contender uns com os outros; cessai de falar mal uns dos outros” (D&C 136:23). Que dons você poderia desenvolver com esse convite? O dom de falar palavras amáveis, o dom de acalmar as pessoas, o dom de se controlar e outros mais. Tudo isso está apenas em um versículo! Ao ler as escrituras e ouvir os sussurros do Espírito, isso pode ajudá-lo a descobrir seus dons.

DESCOBRIR SEUS DONS

Aqui estão nove ideias para ajudá-lo a descobrir alguns dos seus dons não tão óbvios.

- 1. Peça a outras pessoas que falem sobre seus dons para você.** Às vezes não vemos em nós mesmos o que outras pessoas veem. Peça a um amigo, parente ou líder da Igreja que lhe escreva um bilhete mencionando um dom ou talento que eles enxergam em você.
- 2. Procure dons em meio à adversidade.** Durante os momentos difíceis, podemos decidir entre permitir que nossas melhores ou piores qualidades fiquem evidentes. Nesses momentos, concentre-se em descobrir e usar suas melhores qualidades e dons.

- 3. Ore pedindo ajuda para reconhecer seus dons.** O Pai Celestial conhece nosso potencial divino. Se temos dificuldade em ver isso em nós mesmos, Ele pode ajudar. Você pode orar pedindo auxílio para reconhecer seus dons.
- 4. Não tenha medo de tentar coisas novas.** Nós só desenvolvemos os dons que já sabemos que temos por que sentimos medo de fazer algo que nunca fizemos antes? Agora é o momento de experimentar algo novo e descobrir dons desconhecidos.
- 5. Busque a palavra de Deus.** O Pai Celestial nos ajuda a descobrir e desenvolver nossos dons por meio de dicas encontradas nas escrituras — geralmente por meio de convites para

- 6. Não se concentre exclusivamente em suas necessidades.** Às vezes, nossas melhores qualidades aparecem quando não estamos concentrados em nós mesmos, mas concentrados em ajudar outras pessoas. Quando fazemos isso, descobrimos que temos muitos atributos semelhantes aos de Cristo.
- 7. Pense nas pessoas que você admira.** Quem são alguns de seus exemplos? Você pode fazer uma lista de todos os dons que essas pessoas têm e, em vez de se concentrar nos dons que vocês não têm em comum, comemore a descoberta daqueles que vocês compartilham.
- 8. Reflita sobre sua família.** Que dons você tem que seus irmãos, parentes

DONS

ou avós também têm? Vá mais longe! Pesquise a história da família, descubra histórias e identifique outros dons que compartilha com sua família.

9. Receba ou leia sua bênção

patriarcal. Sua bênção pode falar dos dons que você tem e deve desenvolver, e também pode lhe indicar o caminho que vai levá-lo a descobrir outros novos dons e talentos.

SEDE APERFEIÇOADOS NELE

Não precisamos ser melhores em tudo para saber que somos filhos valerosos de Deus. Precisamos apenas ser dedicados a descobrir e desenvolver nossos dons e talentos — então, por meio da Expição de Jesus Cristo, podemos ser perfeitos Nele (ver Morôni 10:32). ■

A autora mora na Renânia-Palatinado, Alemanha.



O DESEJO DE DESCOBRIR

“Sei que nosso Pai Celestial tem muitos dons e talentos que deseja conceder-nos, mas eles ‘são concedidos sob a condição de que os peçamos. As bênçãos exigem certo esforço de nossa parte antes de podermos alcançá-las’ (Bible Dictionary, ‘Prayer’ [Oração]).”

Élder Mervyn B. Arnold, dos Setenta, “Onde estou? Como descobrir e desenvolver seus talentos e dons espirituais”, *A Liahona*, dezembro de 2014, p. 61.

AJUDAR AS PESSOAS A DESCOBRIR DONS

Vemos talentos nas outras pessoas que talvez elas não consigam ver por si mesmas. Nesta semana, compartilhe sua percepção com um amigo ou familiar. Eis algumas perguntas para fazer a si mesmo que podem ajudá-lo a descobrir os dons de outras pessoas:

1. O que elas fizeram para ajudá-lo?
2. O que você gosta nelas?
3. O que elas fazem bem?
4. No que elas estão se esforçando para melhorar?

CUIDAR

PONDERAR



A luz

ESPIRITUAL

BRILHA CONTINUAMENTE SOBRE
TODAS AS CRIATURAS DE DEUS.

Élder Dieter F. Uchtdorf,
do Quórum dos Doze Apóstolos,
"Portadores de luz celestial", Conferência Geral de Outubro de 2017

A luz está sempre a nosso lado

Élder Dieter F. Uchtdorf

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Durante meus voos pelo mundo como comandante de aeronave, sempre ficava fascinado com a beleza e a perfeição das criações de Deus. Achava particularmente cativante a relação entre a Terra e o Sol. Considero essa relação uma profunda lição de como as trevas e a luz existem.

Como todos sabemos, a cada 24 horas, a noite se torna dia e o dia se torna noite.

Então, o que é noite?

Nada mais é do que uma sombra.

Mesmo nas noites mais escuras, o Sol não cessa de irradiar sua luz. Ele continua a brilhar como sempre brilhou. Porém, metade da Terra fica em trevas.

A ausência de luz leva às trevas.

Quando a escuridão da noite vem, não nos desesperamos nem nos preocupamos pensando que o Sol desapareceu. Não achamos que o Sol não está lá ou que está inoperante. Compreendemos que estamos em uma sombra, que a Terra vai continuar a girar e que, em algum momento, os raios do Sol vão chegar a nós mais uma vez.

A escuridão não é um indicador de que não há luz. Na maioria das vezes,

isso significa que não estamos no lugar certo para receber luz.

A luz espiritual brilha continuamente sobre todas as criaturas de Deus.

Cabe a nós estar no lugar certo para ver a luz e a verdade divinas do evangelho de Jesus Cristo. Mesmo depois do cair da noite, quando o mundo parece escuro, podemos escolher andar na luz de Cristo, guardar Seus mandamentos e testificar corajosamente de Sua realidade e de Sua grandeza.

Cada vez que voltam seu coração a Deus em humilde oração, vocês vivenciam Sua luz. Cada vez que buscam nas escrituras Suas palavras e Sua vontade, a luz aumenta em esplendor. Cada vez que veem alguém que precisa de ajuda e sacrificam seu próprio conforto para estender a mão com amor, a luz se expande e se propaga. Cada vez que rejeitam a tentação e escolhem a pureza, cada vez que buscam o perdão ou perdoam, cada vez que, com coragem, testificam da verdade, a luz afasta as trevas e atrai aqueles que também buscam luz. ■

Extraído de um discurso da Conferência Geral de Outubro de 2017, quando o élder Uchtdorf era segundo conselheiro na Primeira Presidência.



Nasceu em **Ostrava, Tchecoslováquia**, em 6 de novembro de 1940



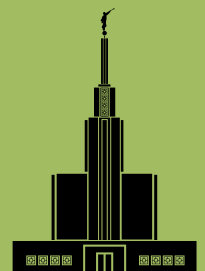
Ele se filiou à Igreja em 1947, em Zwickau, Alemanha.

Foi apoiado membro do **Quórum dos Doze Apóstolos** em 2 de outubro de 2004.



Quando menino, ele e a família foram **refugiados**, saindo da Tchecoslováquia para a Alemanha, e depois da Alemanha Oriental para a Alemanha Ocidental.

Casou-se com Harriet Reich, em 1962, no **Templo de Berna Suíça**



Trabalhou para a **companhia aérea Lufthansa, na Alemanha, como piloto.** Tornou-se comandante aos 29 anos.

FAÇA SUA LUZ BRILHAR

Expressar seu amor

OLÁ!

Meu nome é Love.

**Deixo minha luz brilhar
expressando amor à
minha família.**

Sobre mim

Moro na Nigéria. É um país da África. Moro com meus pais e meus irmãos. Meu hino favorito é “Crianças de todo o mundo”. Minha escritura favorita é 1 Néfi 3:7.

Perto do templo

Moramos bem perto do Templo de Aba Nigéria, a apenas cinco minutos a pé! Sinto muita alegria quando vejo o templo. Estou me preparando para quando eu vou poder entrar nele para fazer batismos.





O melhor lugar para se estar

Nas segundas-feiras, lembro meus irmãos a respeito da noite familiar. Gosto quando meu pai faz o jantar e todos dançamos juntos. O lar é o melhor lugar para se estar.

Trabalhar e brincar

Depois da escola, ajudo minha mãe com as tarefas de casa. Ajudo meus irmãos com as lições da escola também. Não tenho muito tempo para brincar, mas adoro andar de bicicleta e fazer pipas. Sinto o amor do Pai Celestial quando expresso amor à minha família.



Ajudar meus irmãos

Todas as manhãs, acordo meus irmãos mais novos para o devocional da família. Cantamos hinos, estudamos as escrituras e nos ajoelhamos e oramos juntos. Depois, ajudo-os a se prepararem para ir à escola. Sinto que é meu dever para com o Pai Celestial amar e ajudar meus irmãos.

COMO VOCÊ PODE BRILHAR?

- Leia para um irmão ou uma irmã.
- Pergunte a seu pai ou à sua mãe como você pode ajudar.
- Lembre sua família da oração familiar.

ENVIE-NOS UMA ESTRELA!

Jesus pediu que fizéssemos “[resplandecer] a [nossa] luz diante dos homens” (Mateus 5:16). Como você pode fazer sua luz brilhar? Envie-nos um e-mail com a foto de sua estrela com sua história, sua fotografia e a permissão de seus pais para liahona@LDSchurch.org.



“Ajudar toda gente, que alegria sem par!” (Músicas para Crianças, p. 108.)

Antônio viu a tela do computador carregar o nível seis pelo que parecia ser a milionésima vez. Suspirou fundo e começou a se mover pelo labirinto, pulando por cima de obstáculos pontiagudos coloridos e atravessando túneis em chamas. Bateu o pé mais depressa ao se aproximar cada vez mais da linha de chegada.

“Antônio?” Era a voz da mãe. Parecia estar precisando de algo.

“Agora não!”, pensou ele. Pulou por cima de outro obstáculo e correu para dentro de outro túnel. “Sim, mãe?”, disse ele, sem tirar os olhos da tela.

“Pode, por favor, vestir o pijama no Felix e ler uma história para ele? Tenho que acabar de limpar a cozinha.”

“Ah...”, ele estava *tão* perto! Dobrou um último corredor cheio de pontas, pulou por cima de outra chama, passou por um monstro devorador e... ISSO! Cruzou a linha de chegada!

O computador carregou o nível sete. Parecia mais difícil, porém Antônio mal podia esperar para experimentar. Tinha se empenhado muito para atingir aquele nível. Antônio apertou o botão de pausa e ergueu o rosto para a mãe, que estava segurando seu irmãozinho Felix no colo. “Posso jogar só mais uns minutos? Acabei de chegar ao nível sete!”

Hora de dormir para o Felix

Heidi Poelman

Inspirado em uma história verídica



“Estou precisando muito da sua ajuda”, disse a mãe. “Você pode disputar mais um nível depois de cuidar do Felix.”

Felix sorriu. “Vem”, disse o menininho, com sua vozinha de 2 anos de idade.

Antônio olhou para a tela do computador e suspirou. “Está bem.” Ele teria apenas que se apressar para poder voltar a seu jogo.

Ergueu o irmão no colo e o carregou escada acima até o quarto deles.

“Quem é meu irmãozinho favorito?”, disse ele, fazendo cócegas na barriga de Felix. Soprou-lhe a barriga e sorriu enquanto o irmãozinho ria bem alto.

Antônio vestiu Felix em seu pijama favorito de dinossauros. Depois o colocou na cama e se dirigiu à porta. A mãe lhe dissera para ler também uma história para



Felix,
mas ele
já tinha feito a
parte mais importante.

Talvez agora conseguisse
vencer mais *dois* níveis antes
de dormir.

Naquele momento, Antônio sentiu um puxão na camisa. Olhou para baixo e viu que Felix tinha descido da cama.

“Urso?”, perguntou Felix. Correu para o cesto de livros dele e trouxe de volta um livro com um urso polar na capa.

“Ah, Felix, tenho outras coisas para fazer!”, disse Antônio. Felix ergueu o livro acima da cabeça, olhando suplicante para Antônio com seus grandes olhos castanhos.

Antônio não pôde deixar de sorrir. “Você não aceita um não como resposta, não é? Ora, está bem.”



Antônio se sentou na cama de Felix, que lhe subiu no colo. Abriu a primeira página e leu enquanto o irmão se aconchegava junto dele. Felix apontava para cada animal da página e tentava dizer o nome dele. “Zee-ba... famingo... fo-ca.”

Quando terminou, Antônio fechou o livro e cobriu o irmãozinho com o cobertor. “Boa noite, Felix”, disse ele, beijando o irmão na testa e levantando-se para sair.

Mas, ao caminhar para a porta, ouviu a vozinha de novo. “Deita?”

Antônio sorriu. “Tudo bem. Chegue para lá. Vou ficar só um pouquinho.”

Antônio se deitou no travesseiro. Pelo menos por enquanto, ele não sentia que tinha de fazer outra coisa. Sorriu quando o irmãozinho deu um grande bocejo e fechou os olhos. Sentiu-se mais feliz do que se sentira o dia inteiro. Seu jogo podia esperar. ■

A autora mora em Utah, EUA.

Tortilhas e amigas

Lindsay Stevens Tanner e Maryssa Dennis

Inspirado numa história verídica

“Se um amigo quiser ter, precisa mostrar que se importa”
(Children’s Songbook, p. 262).

Adriana estava entediada. Queria brincar com sua irmã gêmea, Diana. Mas Diana tinha ido comprar comida no mercado com a mamã. Adriana suspirou. A casa parecia muito vazia. Ela queria ter ido com elas.

Adriana decidiu visitar sua vizinha Margarita. Os filhos de Margarita eram todos adultos, e ela era como uma avó para Adriana. Sempre se divertiam muito juntas.

Adriana saiu de casa. O sol quente brilhou sobre ela enquanto caminhava até a casa de Margarita. Ela pôs a cabeça na fresta da porta. “Margarita, você está em casa?”

“Sí, estou na cozinha”, respondeu Margarita. Adriana a encontrou sentada à mesa da cozinha, com a cabeça baixa. Ela ergueu o rosto quando Adriana entrou.

“Olá, Adriana”, disse Margarita. Sorriu discretamente. Mas parecia triste.

“Aconteceu alguma coisa?”, perguntou Adriana.

Margarita suspirou. “Nada com que você precise se preocupar.”

“Como posso ajudá-la a se sentir melhor?”, pensou Adriana. Margarita sempre parecia feliz quando cozinhavam juntas. “Posso ajudá-la a fazer tortilhas?”



“Acabei de fazer algumas”, disse Margarita. Ergueu um guardanapo de pano para mostrar uma pilha de tortilhas.

“Então, posso ajudá-la a *comer* as tortilhas?”, perguntou Adriana, com um sorriso.

Margarita riu. “Claro. Deixe-me esquentar um pouco de feijão para acompanhar.”

Adriana ficou ao lado de Margarita junto ao fogão e mexeu os feijões pretos que estavam sendo requeitados numa panela. Quando o feijão ficou pronto, ela o levou para a mesa. Margarita trouxe as tortilhas e o queijo.

Adriana pegou uma tortilha quentinha e a cobriu de feijão. Depois, espalhou o queijo por cima. Parecia delicioso! Adriana mal podia esperar para dar uma mordida na tortilha. Mas havia algo que queria fazer primeiro.

“Posso fazer uma oração?”, Adriana pediu a Margarita. “Claro.”

Adriana fechou os olhos e cruzou os braços. “Pai Celestial, agradecemos por este alimento. Por favor, abençoa-o para nos tornar saudáveis e fortes. E por favor, ajuda Margarita no que ela está precisando. Fico muito feliz por ela ser minha amiga. Em nome de Jesus Cristo. Amém.”

Adriana abriu os olhos. Margarita tinha um grande sorriso — desta vez, de verdade. Enquanto comiam, conversaram sobre a escola, esportes e livros. Adriana adorava conversar com Margarita.

Quando terminaram de comer, Adriana deu um grande abraço em Margarita. “Obrigada pelo lanche. Foi muito bom estar aqui!”

Margarita abraçou Adriana de volta. “Eu é que agradeço a *você*, Adriana. Eu estava precisando de uma amiga hoje.”

Adriana deu um grande sorriso. “Fico feliz por nossa *amistad*.”

“Também fico feliz por sermos amigas”, disse Margarita. “Por que não leva o restante das tortilhas para casa? Já estou satisfeita.”

Adriana foi pulando de alegria, por todo o caminho de volta para casa. Ela também se sentia satisfeita — e não apenas por causa das tortilhas! Estava repleta de amizade da cabeça aos pés. ■

As autoras moram em Utah, EUA.

TORTILHAS DA AMIZADE

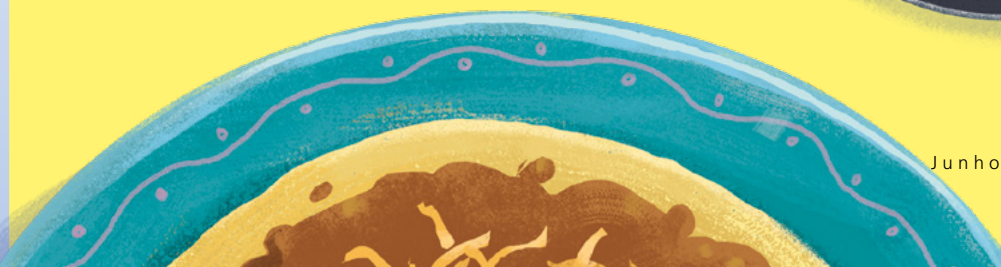
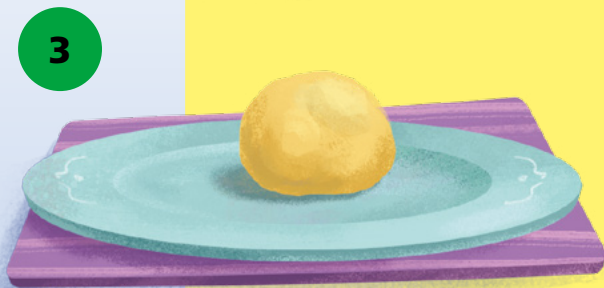
Estas tortilhas de milho fáceis de preparar são perfeitas para fazer e compartilhar com os amigos!

Não esqueça de pedir ajuda a um adulto.

2 xícaras de maisena

1 e 1/2 xícara de água quente

1. Misture a maisena e a água quente. Amasse bem até a massa ficar macia.
2. Enrole a massa em formato de bolinhas. Coloque uma bola entre duas folhas de papel manteiga.
3. Com um prato ou frigideira, pressione a bola várias vezes, com firmeza.
4. Cozinhe a tortilha numa frigideira seca em fogo médio. Quando a parte de cima ficar mais escura, vire para cozinhar o outro lado.
5. Cubra com feijão e queijo, e sirva-se!



O milagre

Com ternura ♩ = 68

Letra e música de Shawna Belt Edwards

The first system of musical notation for 'O milagre'. It features a piano introduction in 4/4 time, marked 'mp' (mezzo-piano). The melody is in the right hand, starting with a quarter rest followed by a series of eighth and sixteenth notes. The bass line consists of simple chords. A triplet of eighth notes is marked with a '3'.

The second system of musical notation, starting at measure 4. It includes two vocal lines with lyrics. The piano accompaniment continues with chords. The lyrics are: 1. E - le ca - mi - nhou nas á - guas. Cal - 2. E - le der - ra - mou Seu san - gue, Por

The third system of musical notation, starting at measure 7. It includes two vocal lines with lyrics. The piano accompaniment continues with chords. The lyrics are: mou a tem - pes - ta - de e o bra - vo mar. O le - pro - so foi cu - ra - do e mim ven - ceu a dor quan - do mor - reu. E ao res - sur - gir deu a mim o

The fourth system of musical notation, starting at measure 11. It includes two vocal lines with lyrics. The piano accompaniment continues with chords. The lyrics are: fez o ce - go ver e o co - xo an - dar. A - li - men - tou a mul - ti - dão com um pou - co de pão. De mai - or dom que o mun - do co - nhe - ceu. Per - dão eu pos - so re - ce - ber se eu me ar - re - pen - der. E um

© 2018 de Shawna Belt Edwards. Todos os direitos reservados.
Esta música pode ser copiada para uso eventual na igreja e no lar, não para fins comerciais.
Esta informação deverá constar em todas as cópias.

15 *f*

Jai - ro_a fi - lha re - vi - veu ao es - ten - der - lhe_a mão.
 di - a vai me le - van - tar pra com E - le vi - ver.

17

É Je - sus Deus de mi - la - gres. Na-da_é im - pos-sí - vel

21

com o Seu po - der, mas cer - to sei que, dos mi - la - gres sem fim, o

24 1.

mais in-crí - vel foi a sal-va-ção que trou - xe_a mim.

27 2. *mp* *molto rit.*

mim. Mi - la-gre por vo-cê_e tam-bém por mim.

27 *mp* *molto rit.* *p*

Veja um vídeo desta música em children.LDS.org.
 Clique em "Música" e "Vídeos de músicas".



“Testifico que Jesus Cristo é nosso Bom Pastor, que nos ama e Se preocupa conosco. Ele nos conhece e deu Sua vida por Suas ovelhas. Ele também vive por nós e deseja que O conheçamos e que exercitemos fé Nele. Eu O amo e O adoro, e sou profundamente grato por Ele.”

Élder Dale G. Renlund

Do Quórum dos Doze Apóstolos

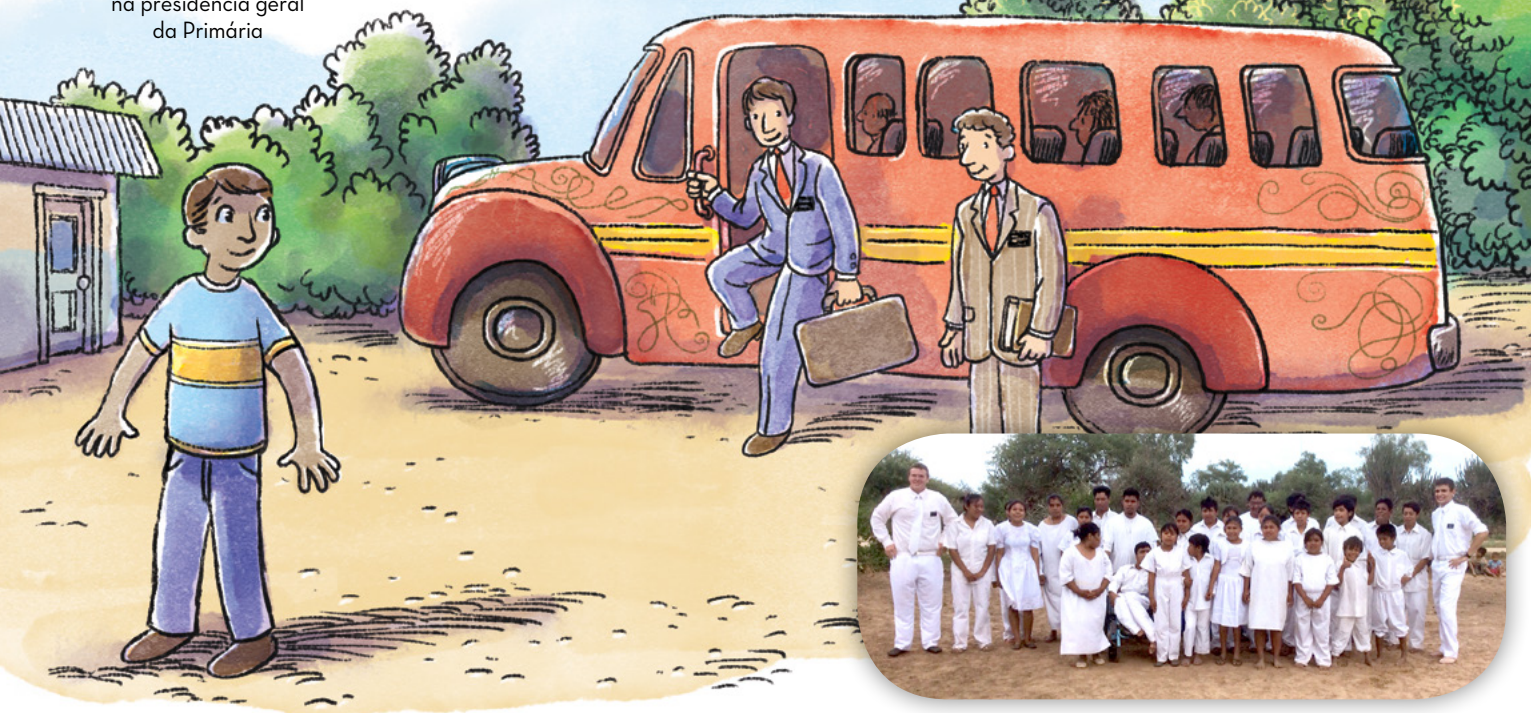
Extraído de “Nosso Bom Pastor”, A Liahona, maio de 2017, p. 32.



Irmã Cristina B. Franco

Segunda conselheira
na presidência geral
da Primária

O Pai Celestial conhece você



Todos os domingos, numa pequena cidade da Argentina, um grupo de pessoas se reunia debaixo de uma árvore para ler as escrituras e aprender a respeito do evangelho. Algumas das pessoas eram membros da Igreja. Porém, muitas delas não tinham sido batizadas, mas queriam muito!

No entanto, tinham um problema. Moravam muito distante de outras cidades. Já havia algum tempo que nenhum líder da Igreja visitava a cidade delas.

Então, ficaram sabendo que alguns missionários estavam numa cidade a quatro horas dali. Todos deram dinheiro para que um homem pudesse comprar uma passagem de ônibus até a cidade onde estavam os missionários. Quando ele lá chegou, ficou esperando na rodoviária. Achou que seria o melhor lugar para encontrar os missionários.

Após algumas horas, viu dois rapazes. Eram os missionários! Ele lhes contou sobre as pessoas de sua cidade. Então, os missionários e o presidente da missão

planejaram uma viagem para conhecer aquelas pessoas.

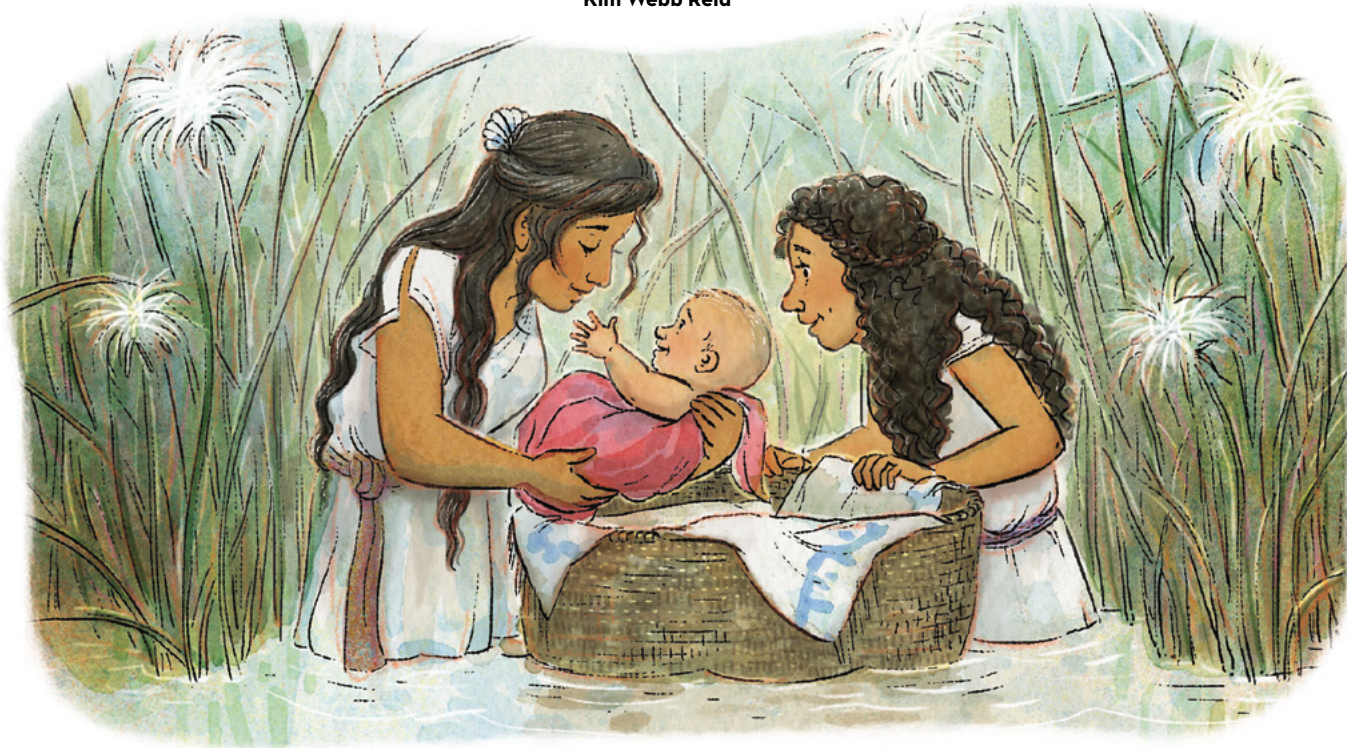
No dia em que o presidente da missão e os missionários chegaram, muitas pessoas se reuniram para conhecê-los. Então, aqueles que não tinham sido batizados puderam ser batizados. Depois de lhes ensinar as lições, eles estavam prontos!

O rio mais próximo ficava bem longe, por isso eles tiraram água de um poço e encheram uma piscina portátil. Levou três horas para encher a piscina! Ao todo, 27 homens, mulheres e crianças foram batizados naquele dia. Estavam muito felizes!

O Pai Celestial sabia que aquelas pessoas queriam ser batizadas e as ajudou a encontrar os missionários. O Pai Celestial também conhece você. Ele sabe onde você está, quem você é e do que precisa. Ele ouve e responde suas orações. Por mais que você se sinta solitário, Ele sempre está a seu lado. Você nunca está só. Sempre pode contar com Ele. ■

Moisés segue a Deus

Kim Webb Reid



Um dia, uma princesa egípcia encontrou um bebê hebreu dentro de um cesto. Ela lhe deu o nome de Moisés e o criou para se tornar um príncipe.

Quando Moisés cresceu, não gostou de como os egípcios tratavam os hebreus, seus escravos. Quando Moisés os defendeu, o rei do Egito quis matá-lo. Moisés teve que fugir. Depois, Deus lhe disse que voltasse e libertasse o povo hebreu.



Moisés pediu ao faraó,
o rei, que deixasse o
povo hebreu partir.

O faraó disse não.
Deus ajudou Moisés a
amaldiçoar a terra para
que o faraó mudasse de
ideia. Moscas, piolhos e
depois sapos encheram
a terra. Por fim, o faraó
disse que os escravos
podiam partir.



Enquanto estavam
partindo, o faraó mudou
de ideia e enviou seu
exército atrás deles.
Quando o povo de
Moisés chegou ao Mar
Vermelho, Deus fez um
caminho de terra seca
através do mar para que
eles pudessem escapar.



Deus deu a Moisés os Dez Mandamentos. Moisés os ensinou ao povo enquanto viajavam para a terra prometida. Por fim, eles estavam seguros e livres!

Posso ser como Moisés. Posso seguir os mandamentos. Deus vai me ajudar quando eu defender os que necessitam de ajuda. ■



Extraído de Êxodo 2-34.

Posso ser um pacificador





**Presidente
M. Russell Ballard**

Presidente interino
do Quórum dos
Doze Apóstolos

NOSSO SANTUÁRIO NO DIA DO SENHOR

Se pudermos começar a pensar na capela como um santuário de fé e devoção para a reunião sacramental, todos seremos abençoados.

A reunião sacramental é uma ocasião maravilhosa e gloriosa. Quando entramos na capela e nos preparamos para receber o sacramento, devemos nos imaginar em um santuário, um lugar sagrado e especial em que podemos contemplar Cristo e Sua admirável e gloriosa missão. Colocamos de lado as coisas do mundo e pensamos no que é eterno. Precisamos deixar de lado o celular e ponderar a respeito de Jesus Cristo, o Filho do Deus Vivo.

Temos apenas 70 minutos todas as semanas para nos concentrarmos em nosso amor pelo Salvador. Se pudermos começar a pensar na capela como um santuário de fé e devoção para a



reunião sacramental, todos seremos abençoados.

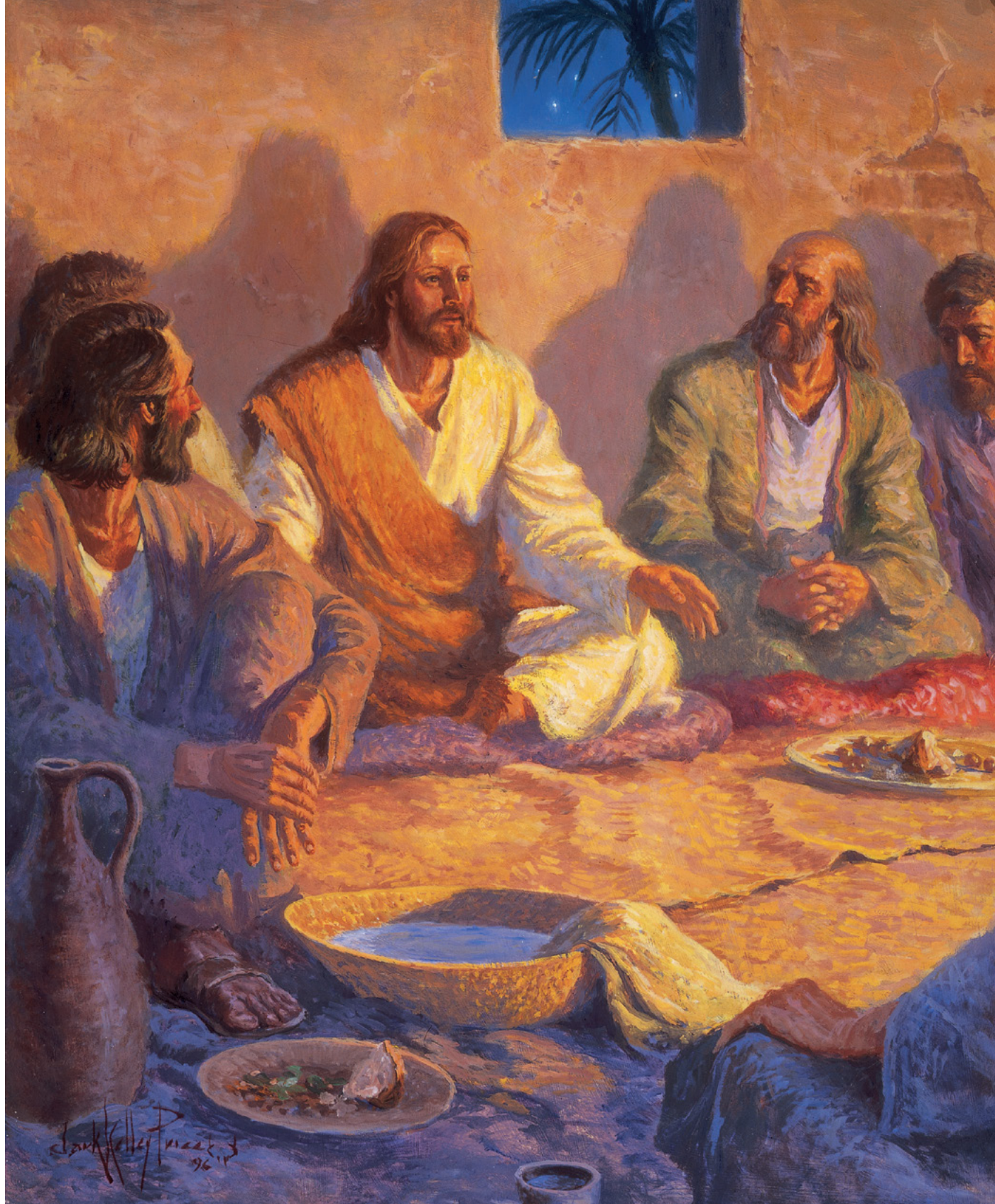
Enquanto edificamos o reino de Deus, não conheço nada mais importante do que ter uma reunião sacramental bem preparada na qual os oradores falam de Cristo, testificam de Cristo e partilham o testemunho dos apóstolos e dos profetas contido nas escrituras e em outras fontes.

Como Igreja, temo-nos concentrado no Dia do Senhor. Fizemos progressos, mas ainda não chegamos lá. Continuaremos nosso trabalho até que todo membro e missionário

esteja tão espiritualmente motivado durante a adoração no Dia do Senhor que cada um deles diga aos vizinhos, pesquisadores e parentes: “Venham e vejam. Venham adorar conosco”. É aqui que queremos estar.

Se todos pudermos fazer isso como Igreja, aqueles que aceitarem nosso convite de “vir e ver” vão sentir o poder da mensagem da Igreja restaurada de Jesus Cristo. Ao participarem de nossas reuniões sacramentais, o coração deles será tocado e a luz do evangelho se acenderá em seu coração e sua mente. ■

Extraído de “A capela: Nosso santuário no Dia do Senhor” em prophets.LDS.org.



**THE LAST SUPPER [A ÚLTIMA CEIA],
DE CLARK KELLEY PRICE**

"E chegada a hora, pôs-se à mesa, e com ele, os doze apóstolos. (...)

E tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim.

Semelhantemente, tomou o cálice depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós" (Lucas 22:14, 19-20).



JOVENS ADULTOS

O EQUILÍBRIO NA PERSEVERANÇA

Seguir esses três princípios pode nos ajudar a não apenas perseverar, mas "desfrutar até o fim".

44

DEZOITO ANOS
DE IDADE

DEPOIS DOS
PROGRAMAS DOS
JOVENS, O QUÊ?

50

JOVENS
DESCOBRIR
SEUS DONS

62

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS

